



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

VICTÓRIA MARIA PESSOA RAPOSO

**A AÇÃO DAS POTÊNCIAS GLOBAIS E DAS QUESTÕES MILITARES NO
CONTEXTO ASIÁTICO: uma perspectiva ocidental sobre a reunificação das Coreias**

BRASÍLIA
2021

VICTÓRIA MARIA PESSOA RAPOSO

**AAÇÃO DAS POTÊNCIAS GLOBAIS E DAS QUESTÕES MILITARES NO
CONTEXTO ASIÁTICO: uma perspectiva ocidental sobre a reunificação das Coreias**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel
em Relações Internacionais pela Faculdade
de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do
Centro Universitário de Brasília
(UniCEUB).**

Orientador(a): Prof^o Lucas Soares Portela

**BRASÍLIA
2021**

VICTÓRIA MARIA PESSOA RAPOSO

**A AÇÃO DAS POTÊNCIAS GLOBAIS E DAS QUESTÕES MILITARES NO
CONTEXTO ASIÁTICO: uma perspectiva ocidental sobre a reunificação das Coreias**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel
em Relações Internacionais pela Faculdade
de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do
Centro Universitário de Brasília
(UniCEUB).**

Orientador(a): Profº Lucas Soares Portela

BRASÍLIA, 28 SETEMBRO 2021

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para iniciar, dar andamento e finalizar essa pesquisa. Agradeço também aos meus pais, Irlan e Arlete Raposo que acreditaram em mim mesmo quando eu não acreditava e que me confortaram, aconselharam nos momentos difíceis. Além de todas as discussões políticas na mesa de jantar e por todos os lanchinhos de madrugada.

Agradeço aos meus queridos professores, em especial ao professor Lucas Portela, que por sua organização e interesse no tema me conduziu na direção correta para a finalização deste trabalho. E por último, agradeço aos meus colegas de sala e amigos próximos por todos os momentos que passamos juntos durante esses quatro anos de graduação. Sem o apoio e auxílio de todos esses, com certeza essa monografia não seria o que é hoje.

Que a guerra é um mal se trata de proposição tão familiar a todos que seria tedioso elaborá-la. A ignorância não força ninguém a entrar em uma, assim como o medo não nos mantém fora dela.

Tucídides, discurso de Hermócrates aos sicilianos.

RESUMO

O presente trabalho trata sobre a problemática da reunificação da Coreia do Norte e da Coreia do Sul mediante os avanços militares e nucleares dos dois Estados. Realizou-se uma contextualização histórica dos acontecimentos anteriores ao desenvolvimento armamentício da Coreia do Norte. Além disso, foi abordado o papel das potências, Estados Unidos da América e China, que atuam como forças opostas no jogo de poder, sendo a primeira, de reciprocidade com a Coreia do Sul, e a segunda, aliada da Coreia do Norte no processo de fortalecimento militar na Península Coreana, que também foi considerada, visto que as grandes potências também possuíam interesses paralelos nas nações. Para explicar essa problemática, o trabalho apoiou-se na aplicação do estudo da teoria neo-realista, em especial por meio das contribuições de John Mearsheimer. Para tanto, esse estudo faz uso do arco temporal do século XXI como período de foco do estudo realizado.

Palavras-chave: Península Coreana. Potências. Estados Unidos da América. China.
Neo-realismo Ofensivo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação entre Realismo Clássico e Neo-Realismo	9
Quadro 2 – Cúpulas Inter-Coreana	32
Quadro 3 – Cenários para a unificação da Península Coreana	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados gerais das nações envolvidas	29
---	----

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Relação PIB e orçamento gasto em defesa.....	31
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIEA	Agência Internacional de Energia Atômica
DMZ	Zona Desmilitarizada
EPC	Exército Popular da Coreia
EUA	Estados Unidos da América
LDM	Linha de Demarcação Militar
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PTC	Partido dos Trabalhadores da Coreia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
RDC	República da Coreia
RPC	República Popular da China
RPDC	República Popular Democrática da Coreia
TNP	Tratado de Não-Proliferação

LISTA DE SÍMBOLOS

%	Porcentaje
\$	Dólar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: A aplicação teórica à luz do processo impositivo das grandes Potências	4
1.1 Relações Internacionais, ambiente de interesse dos Estados	4
1.2 Realismo ofensivo de Mearsheimer	6
1.3 Jogos de Poder: o caso asiático	9
CAPÍTULO 2: Análise conjuntural do relacionamento entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul	13
2.1 Início das Hostilidades entre as Coreias	13
2.2 Sistemas Militaristas na Península Coreana	15
2.3 Processo Armamentício da Coreia do Norte a partir de 2003	20
CAPÍTULO 3: O modus operandi do relacionamento das grandes potências com as Coreias e perspectivas de reunificação da Península Coreana.	25
3.1 Choque de Interesse Externos em relação a possível reunificação das coreias	25
3.2 Negociações na Península no Século XXI	28
3.3 Perspectivas de paz entre as Coreias?	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Os estudos asiáticos têm ascendido no ocidente, em virtude da sua importância política e econômica. A Coreia do Sul, por exemplo, tem se destacado por ter significativo desenvolvimento em sua economia, tecnologia e defesa. Entretanto, pouco se sabe, em especial dentro da academia brasileira sobre suas tentativas de estabelecer uma abertura maior com a sua vizinha, ou sobre seus projetos de uma possível reunificação.

Visando estabelecer uma ponte entre a academia brasileira de Relações Internacionais e o estudo do Leste Asiático, as questões militar e nuclear foram postas como centro dessa pesquisa. Ademais, foi verificada a atuação e a influência das potências globais, Estados Unidos e China. Esses se posicionam conforme os seus interesses governamentais e regionais. Por se tratar de uma área de estudo em atual ocorrência, centrou-se nos acontecimentos dentro do século XXI, o que não significa que se ignora as influências do passado, mas que essas foram abordadas a título explicativos dos fenômenos contemporâneos.

Para alcançar tais pretensões, o referido trabalho se estruturou em três capítulos. No primeiro, foi estabelecida uma análise a partir de uma visão teórica. Já no segundo capítulo foi efetuada uma breve contextualização histórica acerca do conflito que se iniciou em 1950 e perdura até hoje. A análise foi estabelecida a partir do século XXI, onde houve um avanço nas discussões acerca de uma possível paz e unificação das Coreia do Sul e Coreia do Norte. Além disso, serão tratados tanto a problemática dos armamentos nucleares da Coreia do Norte, quanto a interferência dos Estados Unidos, Rússia e China na Península Coreana.

O trabalho foi fundamentado por meio de fontes primárias e secundárias, como por exemplo, artigos, livros, documentários e reportagens. Fontes essas produzidas em diferentes origens, sejam nacionais e internacionais, entre as quais estão aquelas de origem coreana, americana e britânica. Dessa forma, esse trabalho apresenta caráter inovador ao arriscar uma abordagem acerca da Coreia do Norte, um país em crescente repressão de sua população e falta de conhecimento acerca de seus métodos políticos e militares.

Como antes evidenciado, percebeu-se com a pesquisa uma carência de fontes ocidentais sobre a temática de probabilidade de reunificação da Península Coreana. Por isso, esse trabalho também contribui ao sintetizar fontes e expandir o número de pesquisas disponíveis acerca do tema. Por outro lado, a ausência de fontes foi um desafio a ser superado nessa pesquisa, que para contornar tal obstáculo, optou-se por direcionar o tema com base na

problemática militar e de forças de poder opostas, até então inédita no estudo das Relações Internacionais.

No capítulo 1, a aplicação teórica do neo-realismo de Mearsheimer será desenvolvida através de um ponto de vista da defesa nacional e cada nação envolvida e da segurança internacional no sistema, no qual será possível estabelecer uma ponte entre a aplicação da política de defesa com a proteção dos cidadãos das duas Coreias e o papel de atuação das potências no jogo de poder na região. Assim, é observado como os atores extra regionais influenciam o processo decisório da Coreia do Sul e da Coreia do Norte em um possível cenário de reunificação.

Foi realizada uma contextualização teórica, perpassando pelo Realismo clássico de Morgenthau (2003) e como a teoria é estruturada, para que fosse entendido as raízes do Realismo Ofensivo de Mearsheimer (2001), efetivamente usado como base teórica para análise das relações entre os Estados envolvidos. Análise de Rezende (2014) sobre a obra e teoria de Mearsheimer também foi imprescindível para que se entenda por um terceiro ponto de vista de um estudioso de dentro da academia.

Já o capítulo 2 traz a descrição histórica do relacionamento entre as Coreias, ao longo dos anos anteriores ao século XXI e os acontecimentos que levaram ao ano de 2003, com a quebra e posterior saída do TNP pela Coreia do Norte. Além disso, aborda de forma mais pontual qual é o papel de cada potência, Estados Unidos e China, incluindo Japão e Rússia, no princípio chamada de União Soviética, para caracterizar a problemática do desenvolvimento de armamento nuclear, assim como a relação conflitante com a Coreia do Sul. O objetivo e o papel do emprego das forças militares e nucleares no processo de crescimento do poder militar e das forças atômicas também é posto em voga.

Teóricos locais e outros especialistas em estudos históricos comparativos sobre as relações entre Coreia do Sul e Coreia do Norte e especialistas voltados ao estudo das relações dos países com os Estados Unidos e China. Tudor (2012) em seu livro “Korea, the impossible country” aborda acontecimentos históricos importantes para a consolidação dos reinos que foram estabelecidos na Península antes da invasão do Império japonês. Brites (2014) também pontua o relacionamento das Coreias com as potências da Guerra Fria (1947 - 1991). Marzo (2006) aborda a questão histórica do relacionamento das Coreias com os seus vizinhos do leste asiático. E Terry (2014) completa a análise por meio do estudo do governo norte-coreano.

O último capítulo se volta a análise e as perspectivas de paz, cooperação e restabelecimento das relações entre as Coreias, retratando as tentativas de negociação

anteriores e qual foi o papel de cada ator do sistema para que hoje se chegasse a uma atuação cautelosa das grandes potências, Estados Unidos e China, e da eventual aproximação de governos da atualidade.

Por meio das ideias de Visentini (2012) pode-se entender o papel das potências e do jogo de interesses das nações e de seu papel no processo de reconstrução das relações diplomáticas entre Coreia do Sul e Coreia do Norte. Lim (2019) também aponta as questões intrínsecas no relacionamento entre as Coreias e possíveis cenários para a retomada das negociações na Península. Alguns dos “doze passos para a paz”, processo criado por Graham Allison em seu livro de 2020, também serão utilizados para explicar o andamento das operações na região. Outros teóricos tais quais Coghlan (2009), Yang (2006), Kim (2013), Chung (2019) e outros também foram analisados para entender os contrastes das relações entre as Coreias e entre China e Estados Unidos.

Para finalizar, as considerações finais apontam como a situação na Península se encontra atualmente, retomando pontos importantes analisados nos capítulos. O interesse civil da Coreia do Sul demonstra um interesse de aproximação política visto as similaridades étnicas e o compartilhamento histórico. A pandemia de COVID-19 também foi considerada como ponto a ser estudado, visto que a Coreia do Norte recebe ajuda externa e também relatou que não houve casos de COVID-19 em seu país.

CAPÍTULO 1: A aplicação teórica à luz do processo impositivo das grandes Potências

No capítulo primeiro, através de uma ótica realista, passando de Morgenthau até ao cerne do presente trabalho, ou seja, visão de Mearsheimer, será exemplificada a evolução teórica do Realismo. Para tanto, é necessário que se entenda a diferença entre o primeiro debate do Realismo, vertente clássica, e a nova vertente, o neo-realismo, mais especificamente a corrente defensiva, cunhada e defendida por Mearsheimer. Por meio deste ponto de vista, visando uma abordagem do macro para o micro, abordando seus pontos positivos e negativos. A teoria será exemplificada fazendo alusão às questões centrais deste trabalho acerca das relações entre as Coreias

1.1 Relações Internacionais, ambiente de interesse dos Estados

Assim como foi definido por Morgenthau, o Realismo estabelece um ponto de vista único sobre as relações entre os Estados-nação no Sistema Internacional. O teórico afirma que o mundo é imperfeito, mas para que as sociedades possam coexistir em um sistema anárquico, elas devem trabalhar em prol das forças que regem as relações humanas e que condicionam leis. Para delimitar essas relações, surge então o Realismo que tem por objetivo a implementação de uma lógica racional centrada na normatização desse método implementado na política externa (MORGENTHAU, 2003).

Segundo ainda essa ótica, a racionalidade já intrínseca gera constantemente uma necessidade de verificação das verdades políticas apresentadas por meio dos governos, visto que ela demanda a validação por meio de provas e fatos racionais. Fica demonstrado que “o confronto dessa hipótese racional contra os fatos reais e suas consequências é o que proporciona um sentido teórico aos fatos da política internacional” (MORGENTHAU, 2003, p. 6).

Por meio dessa análise, o racionalismo propõe uma visão enraizada das políticas voltadas à democracia, sendo necessário a consolidação da mesma no alinhamento de promoção de políticas internas que sejam legítimas, e por conseguintes racionais, para o sucesso de suas demandas nacionais. O exposto fica evidente no primeiro capítulo do livro de Morgenthau (2003), em que o autor relata sobre a necessidade de validação popular acerca das decisões administrativas do Estado em questão. Caso não haja uma coordenação entre a vontade interna, a democracia e a projeção dos interesses nacionais, essa busca pelo poder não será possível na esfera internacional, pois o Estado teria sua meta insatisfeita pela falta de

abertura interna e conseqüentemente externa: “Uma nação frustrada em seus objetivos limitados, que não parecem ser alcançáveis dentro das relações de poder existentes, acaba concluindo que tem de alterar essas relações de poder para garantir que obterá o que ela quer.” (MORGENTHAU, 2003, p. 141)

O Realismo apresenta uma visão estadocêntrica quando interpreta as relações entre as nações, na qual os Estados-nação competem entre si para saber quem detém mais poder no sistema. Essa análise permite constatar uma visão mais clara de que as nações buscam ter mais influência sobre as políticas internacionais. Outro benefício vinculado a esta lógica é a aplicação de garantias a esses países, concedendo a oportunidade de estabelecer previsões políticas do cenário internacional, através do emprego de sua influência nas relações internacionais e por meio de suas perspectivas políticas e econômicas como método de conservação do poder.

A disputa pelo poder está no núcleo da teoria Realista, por isso, parte considerável das relações inter-estatais tendem as guerras. Com base na visão de Morgenthau (2003), esse confronto permite que haja um maior entendimento sobre a política internacional e as ações políticas globais, como elementos independentes de quaisquer interferências conceituais correlatas. Aqui, ela se torna o principal fator das hostilidades entre Estados, onde os mais influentes detêm mais chances de êxito no cabo de guerra que é a disputa pelo poder. Essas nações manifestam suas intenções através do estabelecimento de políticas voltadas a seu interesse nacional, conveniente ao estabelecimento de pressão nos países que não alcançaram relevância política, econômica e militar para ser uma nação de relevância no centro do Sistema Internacional.

O equilíbrio de poder surge então como uma forma de aliviar as tensões no sistema causadas por Estados-nação que sobrepõe às suas necessidades em detrimento das necessidades internas dos outros Estados, afinal, dentro do Realismo, os ganhos são relativos, ou seja, alguém tem que perder ou deixar de ganhar. Para Morgenthau (2003), o equilíbrio de poder se refere a quatro diferentes momentos: a implementação de políticas; a um Estado de coisas; equidade de poderes; e distribuição de poderes. No sistema ela pode ser apenas uma ou todas as opções trabalhando em harmonia.

Quando uma nação se encontra em uma situação desfavorável mediante a ascensão de uma nova potência no sistema, busca pelo investimento na sua defesa, através de armamentos, pois se sente ameaçada. Em contrapartida, o Estado em destaque, também por estar numa posição de vulnerabilidade, investe igualmente na sua defesa. Nesse sentido, as

políticas externas dos Estados são dirigidas à proteção de seus bens e a defesa de sua soberania em vista a garantir sua parte no sistema.

Ainda sobre o equilíbrio de poder, a variabilidade das forças de cada Estado-nação demonstra como são promovidas as aplicações das vontades estatais. Na forma mais básica o princípio de competição impera no sistema, no qual duas nações com o mesmo objetivo, de alcançar a hegemonia, disputam entre si para descobrir quem detém o uso da força. Para que fique provado quem realmente possui poder, um terceiro Estado, mais fraco politicamente e economicamente na hierarquia, é submetido às vontades da nação que a domina. Na visão de Morgenthau (2003), geralmente são aplicadas políticas com vertente *status quo*, imperialistas e voltadas ao prestígio da nação dominante.

O equilíbrio está vinculado ao estabelecimento de um ponto limítrofe no qual o interesse de uma nação no jogo de poder não ultrapasse o limite de outra nação também na disputa pelo poder.

O meio utilizado para manter o referido equilíbrio consiste em permitir que os diferentes elementos sigam normalmente suas tendências conflitantes, até o ponto em que a tendência de cada um deixe de ser suficientemente forte para superar a tendência dos demais, mas bastante vigorosa para impedir que as dos demais a subjuguem. (MORGENTHAU, 2003, p. 324)

Para demarcar o terreno de implementação dos estudos sobre o Estado, surge então o neo-realismo como uma atualização da teoria realista clássica. Através dos estudos de Mearsheimer, o papel do Estado é evidenciado por meio de sua atuação mais preponderante durante o período da Guerra Fria. Nela, os Estados não apenas buscam pela consolidação de seu poder por meio de guerras, mas também há uma maior representação do seu poderio na política externa dos demais Estados na ordem internacional.

1.2 Realismo ofensivo de Mearsheimer

O terceiro grande debate das Relações Internacionais já definiu as novas teorias como um meio de atualização das discussões entre os atores da sociedade internacional, mas também tem a atuação das políticas internas e externas das suas nações. Esse é visto como sendo a vertente mais similar ao Realismo clássico, no qual o Estado-nação ainda goza de autonomia suficiente para atuar no sistema. O poder, ainda como cerne da teoria, é de exercer influência sobre as nações, já que teoria afirma que Estados com pequenas populações não podem ser potências globais, conforme apontado por John Mearsheimer (2001).

Ainda de acordo com esse autor, que defende o ponto de vista do Realismo Ofensivo, através da população é possível garantir ganhos econômicos mais eficientes para a construção do aparato da defesa nacional. Mearsheimer chama essa capacidade de *Latent Power*¹ (MEARSHEIMER, 2001). Outro quesito importante que nações devem possuir é o poder econômico, sem ele não seria possível garantir o sucesso de suas forças militares para a proteção de sua hegemonia. A riqueza do Estado é chamada por Mearsheimer de *Potential Power*². Sendo assim, a riqueza aplicada nos investimentos das forças militares é caracterizada pela *mobilizable wealth*³.

Mearsheimer (2001) acreditava que havia uma necessidade de formação de uma nova teoria que tentasse entender o relacionamento das grandes potências com o restante dos países. No realismo ofensivo há uma dificuldade de estabelecer cooperação, pois os Estados buscam o estabelecimento de um sistema unipolar, no qual os interesses domésticos são mais importantes que o estabelecimento de auxílio (REZENDE, 2014).

No capítulo 6, nomeado “Great Powers in Action”, Mearsheimer (2001) infere sobre a agressividade dos Estados considerados Grandes Potências no Sistema Internacional e sobre a sua tendência de querer aumentar os ganhos. Seguindo nessa linha, ele argumenta que: na história das grandes potências, os Estados revisionistas são opositoristas; e os status quo dessas potências, são basicamente os Estados que se estabeleceram como hegemonias regionais (MEARSHEIMER, 2001).

In other words, the evidence must show that great powers look for opportunities to gain power and take advantage of them when they arise. It must also show that great powers do not practice self-denial when they have the wherewithal to shift the balance of power in their favor, and that the appetite for power does not decline once states have a lot of it. (MEARSHEIMER, 2001,)⁴

Seguindo nessa linha de pensamento, os Estados detêm uma grande parcela decisória no contexto da disputa pelo poder e para atingir os seus objetivos ele deve usufruir de sua capacidade militar. Para Mearsheimer (2001) existem dois tipos de poder, o real e o latente. O

¹Tradução, poder latente. Esse poder é definido como o recurso social que o Estado emprega na construção das forças militares e em sua defesa.

² Poder potencial, em tradução livre. De acordo com Mearsheimer (2001) é aquele que se encontra em segundo plano para o Estado, mas que sem ele não é possível manter o poder latente.

³ Riqueza mobilizada, em tradução livre. Se refere a parcela dos investimentos financeiros que o Estado destina ao desenvolvimento militar do país em questão.

⁴ Em tradução livre: Em outras palavras, a evidência deve mostrar que grandes potências procuram oportunidades de ganhar poder e obter vantagem quando eles surgem. Também deve mostrar que as grandes potências não negam quando possuem os recursos para modificar a balança de poder a seu favor, e que o apetite por poder não diminui quando os Estados já possuem em abundância.

realismo ofensivo é regido pela premissa do dilema de segurança, sendo o que dificulta a cooperação internacional (REZENDE, 2014).

Ainda na visão de Rezende (2014), os Estados não se interessariam em iniciar uma corrida armamentista caso isso não beneficie seus interesses e conseqüentemente a melhora de sua posição estratégica. Segundo a unipolaridade, para aumentar a segurança das nações é necessário estar de acordo com os interesses da potência unipolar através da cooperação. Sempre haverá uma preocupação com a balança de poder regional e global, mesmo que esta não traga lucros imediatos, não podendo fazer nada para as alterar.

A organização do sistema é anárquica, ou seja, nenhuma nação possui o controle em detrimento de outras, não possuindo a hegemonia do sistema. Diante do sentimento de desconfiança observado tanto pelo realismo clássico quanto pelo neorealismo, os Estados buscam aumentar seus ganhos relativos como uma forma de garantir uma proteção. Assim, os ganhos relativos definem como serão dadas as relações entre os Estados, no qual o Estado permanece com uma postura de desconfiança em relação aos outros atores do sistema. Nessa lógica, os Estados, para se preservarem, se munem de armamento para a proteção da sua soberania. Em contrapartida, caso um outro Estado se encontre em uma posição de vulnerabilidade, também se equipará com armas que possam o defender de possíveis ataques (GANNOUN, 2010).

Mearsheimer (2001) definiu que por mais que as realidades de cada Estado sejam diferentes, a quantidade de investimento que é aplicado nas forças militares não é levada em consideração, mas sim o efetivo investimento da nação em sua política de defesa, haja vista que a defesa compõe as estratégias necessárias para o efetivo uso da força. Cada Estado é único em suas aplicações de políticas e investimentos, por esse motivo elas produzem resultados distintos, de acordo com as suas especificidades. Um outro fator variável é a eficácia do emprego dos recursos financeiros, já que ela define como a balança de poder se comporta. Segundo a ótica do realismo ofensivo, os aliados mais ricos determinam o quanto de investimento em defesa deverá ser empregado. A riqueza da nação aliada determina a delimitação dos gastos (REZENDE, 2014).

Em seu livro, Mearsheimer (2001) divide o universo dos agressores em dois tipos: *expanders* e *overexpanders*. Os *expanders*, considerados os vitoriosos na guerra, são aqueles expertos o suficiente para entender que uma expansão limitada é uma boa estratégia para adquirir o domínio de uma região. Um exemplo utilizado por ele para materializar esse conceito é a extinta União Soviética (URSS), já que a mesma não cometeu o erro de querer propagar sua ideologia característica por toda a Europa e conseqüentemente a se tornar o

hegemon europeu, mas restringiu a apenas as regiões limítrofes garantindo assim uma zona de influência direta.

Já os *overexpanders* são considerados agressores irracionais, pois não possuem uma estratégia delimitada e em decorrência disso não tem noção do momento mais adequado de atacar, recuar ou abandonar o conflito. Isso dá a característica de serem Estados imprudentes.

Mearsheimer (2001) analisa o ponto de vista dos realistas defensivos, e sua posição sobre a destruição mútua assegurada, no qual os dois lados têm condições de causar a destruição de seu oponente na primeira oportunidade. Assim, as teorias realistas e as vertentes analisadas, inclusive o Realismo Ofensivo de Mearsheimer podem ser comparados conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Comparação entre Realismo Clássico e Neo-Realismo

Teoria	Nível de análise	Poder	Dilema de segurança	Sistema internacional
Realismo Clássico	Estado	Guerra e desconfiança	Ganhos relativos	Anárquico
Neo-realismo Ofensivo	Estado	Guerra, política e cooperação	Ganhos relativos	Anárquico
Neo-realismo Defensivo	Estado	Política e cooperação	Ganhos relativos	Anárquico

Fonte: Elaboração própria com base em Morgenthau e Mearsheimer (2021)

Haja vista a problemática da reunificação da Península Coreana e a interferência das potências globais, o posicionamento das partes envolvidas e a análise das relações de poder dentro do Continente Asiático, com o intuito de estabelecer uma ponte entre a teoria neo realista ofensiva e a temática central deste trabalho, verifica-se quando é aplicada a teoria ao contexto histórico, em especial através de uma introdução da contextualização histórica e das relações políticas entre as nações.

1.3 Jogos de Poder: o caso asiático

Mesmo já possuindo a hegemonia regional, as potências competem entre si para ampliar sua zona de influência, de modo a cada vez mais garantir seu poder e possibilidade

de satisfazer seus interesses nacionais. Tal ação também resulta na busca por estabelecer liderança, com pensamento capaz de espelhar os seus ideais e suas perspectivas. Dessa forma, estão constantemente disputando com outras potências para demonstrar quem é o mais poderoso. Mearsheimer (2001) analisou cinco casos referentes à projeção da hegemonia estatal que ocorreram ao longo da história: o Japão, a Alemanha, a União Soviética (URSS), o Reino Unido e os Estados Unidos.

Em concordância com a teoria Realista, os Estados Unidos priorizam uma visão mais voltada à manutenção do *status quo* e o estabelecimento da desnuclearização da Coreia do Norte. Mesmo não havendo abertura para negociações da permanência de armas de destruição em massa, os Estados Unidos já manifestaram que querem o estabelecimento de uma região estabilizada, unificada, e democrática, de livre mercado, integrando as duas Coreias (COGHLAN, 2009).

Os casos do Japão, Alemanha e União Soviética confirmam a teoria do Realismo Ofensivo, já que eles procuravam por oportunidades de expandir sua zona de influência. Os dois primeiros entraram em conflito com outros países para ganhar poder, por isso eram ofensivos. Já para a URSS, os Estados Unidos detiveram o avanço ideológico dos soviéticos, dentro da ideia de Realismo Defensivo.

Mesmo já possuindo a hegemonia regional, as potências competem entre si para ampliar sua zona de influência, de maneira a cada vez mais garantir seu poder e possibilidade de satisfazer seus interesses nacionais.. Tal ação também resulta na busca por estabelecer liderança, com pensamento capaz de espelhar os seus ideais e suas perspectivas. Dessa forma, estão constantemente disputando com outras potências para demonstrar quem é o mais poderoso. Mearsheimer (2001) analisou cinco casos referentes à projeção da hegemonia estatal que ocorreram ao longo da história: o Japão, a Alemanha, a União Soviética (URSS), o Reino Unido e os Estados Unidos.

Já os Estados Unidos se estabeleceram aos poucos, através das várias oportunidades de projetar seu poder nos países asiáticos e na Europa, principalmente no pós-Segunda Guerra. Mesmo assim, os Estados Unidos e o Reino Unido se comportaram conforme estabelece o Realismo Ofensivo. Para os Estados Unidos, era difícil estabelecer conquistas e promover guerras, mas se estabeleceu como uma potência além-mar por meio de sua política (MEARSHEIMER, 2001).

Na Ásia, o Japão foi o maior empecilho aos planos da União Soviética, visto que ela controlava os territórios na mira do Império Russo, e logo depois, da União Soviética. Neste contexto, a China se tornou uma grande aliada da União Soviética. Além dos territórios

requeridos, Manchúria, Ilhas Kuril, a metade sul das Ilhas Sakhalin, eles também tinham interesse no Golfo Pérsia, no qual a ocorrência de petróleo já tinha sido descoberta (MEARSHEIMER, 2001, p.305).

O Japão através da sua postura impositiva, forçou os países a aceitarem as suas condições de comércio, o que Mearsheimer chama de “gunboat diplomacy”⁵. Sendo assim, foi implementado seu Império além-mar através de sua influência em outros países menores da Ásia, com enfoque na Península Coreana, na Manchúria e na China, ainda pequena em comparação com o próprio Império Japonês (MEARSHEIMER, 2001).

Japan was also interested at different times in acquiring territory in Outer Mongolia and Russia. Moreover, Japan sought to conquer large portions of Southeast Asia and, indeed, accomplished that goal in the early years of World War II.”(MEARSHEIMER, 2001, p.280)⁶

A União Soviética (URSS) também tentou ganhar poder no norte asiático, mas não obteve muito sucesso. A URSS tem um longo histórico sobre as suas conquistas durante o Império russo. Após os anos da Revolução Russa, o país se encontrava frágil, politicamente e economicamente (MEARSHEIMER, 2001). Mesmo com possíveis rixas entre Mao Tse Tung e Joseph Stalin, o líder soviético foi uma grande influência no sistema Comunista Chinês.

Os chineses dispunham de ajuda financeira e logística dos soviéticos, inclusive com envio de tropas militares soviéticas para ajudar contra as forças nacionalistas de Chiang Kai-shek, durante a Revolução Chinesa. Mas logo em 1989, a União Soviética se desmantelou, levando à dissolução de Estados pequenos e a mudança de pensamento dos líderes socialistas. Por isso, a economia do país não foi suficiente para manter a nação (MEARSHEIMER, 2001).

Retornando alguns anos, durante o mandato de Syngman Rhee, nos anos 60, foi formada uma aliança com os Estados Unidos, para que houvesse um auxílio militar, econômico e político. Na questão militar houve treinamento de nacionais, controle das operações e conceção de material bélico, para que com o auxílio da Coreia do Sul, pudesse conter o avanço do comunismo na região (BRITES, 2014). Já na década de 70, o estabelecimento da doutrina Nixon garantiu que os aliados regionais dos Estados Unidos teriam mais autonomia para agir conforme suas políticas internas, mas ainda estavam em

⁵ Em tradução livre, diplomacia das canhoneiras. Isto é, exibição escancarada do poderio militar com o intuito de fazer política.

⁶ Em tradução livre: O Japão também estava interessado, em momentos diferentes, em adquirir o território da Mongólia e Rússia. Ademais, o Japão estava buscando a conquista de grandes porções no Sudeste Asiático e, de fato conseguiu cumprir essa meta nos anos iniciais da Segunda Guerra Mundial.

conformidade com o pensamento norte-americano (BRITES, 2014). Essa política deu mais autonomia para que a Coreia do Sul pudesse ter mais espaço para se desenvolver em diversos setores, seguindo com a política da época de acordo com as suas vontades.

Com uma visão mais centrada na teoria e na aplicação teórica das relações asiáticas e do envolvimento dos Estados Unidos na questão Norte-Sul Coreana, foi possível relatar de forma superficial como a problemática foi iniciada. No próximo capítulo será apresentado como as grandes potências e a Península Coreana mantiveram o relacionamento conflituoso e o desenvolvimento das políticas implementadas pelas partes.

CAPÍTULO 2: Análise conjuntural do relacionamento entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul

A história da Península Coreana é marcada por diversos conflitos. Até o momento de consolidação do reino de Joseon⁷, no século XIV até o final do século XIX a Península foi palco de embates. Primeiramente eles ocorriam entre os reinos, Goryeo, o maior e mais forte em todas as atribuições, Baekje e Silla. Os territórios também eram desejados por China e Japão. Os reinos da Península Coreana foram por vezes unificados, mas também separados por causa das conquistas e guerras realizadas no território. Anteriormente à extensão do Império japonês, o território da península foi unificado, como uma forma de possuir mais força na luta contra as possíveis ameaças externas.

2.1 Início das Hostilidades entre as Coreias

A península Coreana sempre foi um território disputado pelos grandes países da Ásia e após o início do século XX também pelos Estados Unidos.⁸ Durante os anos anteriores à anexação do reino de Joseon pelo Império japonês, que tinha passado pela Restauração Meiji em 1868, o então reino foi palco de diversos conflitos, principalmente pelo seu território fazer fronteira terrestre com a Manchúria, o que facilitaria sua entrada na região para eventual conquista (TUDOR, 2012).

A China, apesar de ser a potência que é atualmente, tinha o papel de “irmã mais velha” da Coreia⁹, como Tudor (2012) pontua. Até meados do século XIX havia uma certa relação de dependência entre as duas. Enquanto ela atuava como uma base financeira e cultural, por toda influência do Confucionismo para o reino de Joseon. Como esse suporte não era ao acaso, a nação ficava à mercê, por meio do pagamento de um imposto. Esse período não durou muito, já que com a Guerra Sino-japonesa e a vitória do Império japonês, a influência chinesa sob a península foi quebrada:

⁷ A história denota que os reinos Goguryeo, o mais consolidado; o reino Baekje; e o reino de Silla emergiram no ano de 1392 após muitas expansões e retrações de fronteiras. Assim o reino de Joseon foi estabelecido, liderado pelo general autodeclarado rei Yi Seong-Gye. A partir de então o país se viu sob uma nova dinastia que durou até a invasão japonesa na Península.

⁸ Logo após a retirada do exército japonês no território da Península, os Coreanos se encontravam divididos ideologicamente, uma parte voltada aos princípios do comunismo e outra parte inclinada aos valores democráticos, defendidos pelos Estados Unidos. Já existia uma predisposição a divisão, contudo era vista como uma ação temporária.

⁹ Note-se que durante esse capítulo, quando “Coreia” for citada, estará fazendo alusão a Península Coreana antes da oficial ocupação japonesa em 1910.

In 1894-1895, China -- Korea's long-standing "big brother" state - and Japan went to war, principally over control of Korea. Japan's victory ended Chinese influence over the peninsula and coincided with the official ending of the Joseon social structure based on *yanban*, *jungin*, *sangmin* and *cheonmin* classes. A process of brutal colonization culminated in the Japan-Korea treaty of 1910, granting Japan "all rights of sovereignty over the whole Korea." (TUDOR, 2012, p.20)¹⁰

Com a guerra russo-japonesa, em 1905, o Japão iniciou o processo de expansão do seu império com objetivo de tentar ganhar mais poder. É importante salientar que a presença dos japoneses em terras coreanas já era intensa desde o final do século XIX. Ela se dava majoritariamente por meio dos comerciantes japoneses que foram incentivados a atuar no comércio local e uma ativa representação imperial, que obteve influência por investir financeiramente na modernização da Coreia.

Já no ano de 1910, a Coreia é anexada definitivamente ao território japonês e recebe o título de colônia do império. Essa anexação gerou ainda mais um sentimento de revolta com o povo japonês, já que os coreanos consideravam o Japão como um seguidor de sua cultura, o que impediu a continuação do desenvolvimento da sociedade e cultura coreana. Contudo, pode-se assegurar que o desenvolvimento econômico e educacional nesse período foi evidenciado, sendo de grande influência na modernização do país. Da mesma forma, a maior parte da população se encontrava em situações de extrema pobreza e altos índices de analfabetismo.

O interesse japonês na Coreia possuía um cunho estratégico para a segurança internacional, pois a demanda pelos recursos energéticos era quase que vital concedida pelo Japão. Nesse sentido havia um certo tipo de obrigação moral do reino da Coreia para com o Império japonês. O interesse nas reservas de carvão e ferro presentes na península fascinavam a política externa do Japão. Por esse motivo, o processo de modernização, iniciado três décadas antes, consolidava o Império japonês como uma potência industrial, tendo como principal objetivo a proteção de sua segurança energética (BRITES, 2014).

... os japoneses trataram de estabelecer uma rede de infraestrutura que permitisse escoar o ferro e carvão extraído da península, bem como realocaram parte de seu parque industrial para a região norte da Coreia. Com

¹⁰ Em tradução livre: Em 1894-1895, a China - o Estado "irmão mais velho" de longa data da Coreia - e o Japão entraram em guerra, principalmente pelo controle da Coreia. A vitória do Japão acabou com a influência chinesa sobre a Península e coincidiu com o fim oficial da estrutura social de Joseon baseada nas classes *yanban*, *jungin*, *sangmin* e *cheonmin*. Um processo brutal de colonização culminou no tratado Japão-Coreia de 1910, concedendo ao Japão "todos os direitos de soberania sobre toda a Coreia".

isso, instalaram a zona industrial próxima às reservas de matérias-primas, enquanto que no sul da península mantiveram a base agrária, responsável por fornecer alimentos para o Japão ... o norte foi voltado para as atividades industriais, e o sul para as atividades agrícolas (BRITES, 2014, p.26).

Nesse espaço de tempo, muitos imigrantes, não apenas japoneses e americanos, mas de todas as partes foram para a Coreia para empreender comércio, atuar como representantes do governo de seu país de origem e inclusive para operar como missionários. Mesmo que a nação coreana estivesse tentando estabelecer uma política isolacionista, ela ainda atraía novos negociantes e governos ambiciosos.

O ponto de vista de Tudor (2012) sobre essa situação também se relacionava com o enfraquecimento do governo já que havia muita influência externa, o que forçou a Península a ter uma infraestrutura muito desenvolvida para o estabelecimento de comércio que ainda não estava capacitada a ter, ou mesmo não possuir todos os meios necessários para tal.

Durante todo o século XX, houveram tentativas de estabelecer uma unidade na Península Coreana, com base na história e na homogeneidade étnica do povo coreano, além do sentimento mútuo na nação como um todo. Durante a Guerra Fria, as hostilidades entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte tentaram ser superadas pelo povo, mas nunca foi estabelecida uma noção de nacionalismo, mas que para a maioria dos coreanos é uma inconveniência que será superada com o tempo. Todas as tentativas anteriores de estabelecimento de discussões sobre a reunificação da Península Coreana tiveram influência de atores externos, como Estados Unidos e China, mas que não chegaram a ter uma decisão fixa a respeito do problema estabelecido na região (COGHLAN, 2009).

Historicamente, por ser um país cercado de potências, sempre foi vista como um tipo de prêmio a quem conseguisse a conquistar. Hoje, conforme apontado por Visentini (2012), tanto a Coreia do Sul quanto a Coreia do Norte possuem grande relevância ao estabelecimento de poder e a implementação de uma Nova Ordem Mundial.

2.2 Sistemas Militaristas na Península Coreana

Durante os 35 anos em que as Coreias foram uma colônia japonesa, de 1910 a 1945, foi posicionado em território um governador-geral, de origem militar e nomeado pelo imperador japonês, o qual privou a população de muitas liberdades básicas. O idioma e a cultura japonesa foram impostas ao povo coreano e muitos tiveram que abandonar seus nomes de nascença e adotar nomes em japonês.

O povo, que já estava farto de toda a repressão sofrida, criou a Liga da Independência da Coreia em 1944, um ano antes da derrota do Japão na II Guerra, com principal objetivo de ser uma resistência política liderada por Yeo Woon-Hyong, e que depois funda o Comitê para a Preparação da Independência da Coreia (CPKI) um governo provisório estabelecido após a rendição japonesa. Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a derrota japonesa, os mesmos retiraram seu domínio sobre o território.

Já neste período existia uma divisão territorial por conta das divergências ideológicas. Syngman Rhee liderava a Coreia do Sul e Kim Il-Sung no comando da Coreia do Norte. Essa diferença de posição foi a origem da Guerra durante os anos de 1950 a 1953. Por conta da disponibilidade geográfica¹¹, os EUA apoiam a porção sul e a URSS dá suporte ao lado norte. Em um primeiro momento, a potência capitalista retira boa parte de suas tropas do território coreano, mantendo apenas uma base no Sul para ajudar na reconstrução do país. Enquanto que a União Soviética mantém o apoio político, econômico e militar na Coreia do Norte.

Com as tensões crescentes, a Guerra da Coreia pode ser vista como uma guerra prematura, o qual não houve muito tempo para atenuar as faíscas que ainda perduravam desde a desagregação do Império japonês. Tudo aconteceu de um modo muito apressado.

O primeiro ataque registrado foi feito pela Coreia do Norte, contando com o apoio da URSS. O ataque foi realizado sob a justificativa que houve uma agressão sul-coreana contra o território do norte realizada anteriormente no Mar Amarelo. Como a Coreia do Sul não tinha uma proteção militar de eficácia, não houve muita preparação para a sua defesa. Já em 1950, no ano seguinte a esses acontecimentos, a Coreia do Sul contra-ataca, invadindo a ilha de Ongjin, localizada no Mar Amarelo, usando como justificativa uma suposta proteção ao território.

Com isso o líder Syngman Rhee, pede para que todos os cidadãos mandem evacuar a capital Seul e destrói passagens a fim de tentar conter o exército do Norte, auxiliados pela URSS. O líder Kim Il-Sung mandou executar todos contrários ao seu governo, e inclusive os cidadãos que ficaram na cidade foram obrigados a jurar fidelidade ao regime ditatorial. O número de baixas foi estarrecedor, cerca de 73 mil soldados sul-coreanos morreram.

Por causa deste avanço militar no país, a população sul-coreana foi obrigada a se refugiar na cidade de Busan, localizada no litoral sudeste do território. Com objetivo de livrar

¹¹ Não apenas pela implementação de bases militares estadunidenses no território sul coreano como uma medida protetiva contra as investidas da Coreia do Norte, os Estados Unidos Também têm interesse na localização da península por sua facilidade de acesso a China e a Coreia do Norte, por questões de segurança e econômica. Mas também existe um interesse por causa da proximidade da Península com os países do sudeste asiático, como Indonésia, Filipinas, Tailândia, Cingapura e outras pequenas nações com objetivo de expandir a influência norte-americana nessas nações em desenvolvimento.

a população ilhada em seu próprio país, é posto em prática uma operação conhecida como Invasão de Incheon. Essa operação é coordenada pelo general MacArthur.

Ele manda invadir a cidade de Incheon, no litoral norte do território da Coreia do Sul, com objetivo de atacar os norte-coreanos por trás e pegá-los desprevenidos, o que facilitaria a derrota do norte e o recuo das tropas até a fronteira. A ajuda das tropas dos Estados Unidos foi de extrema importância para o sucesso da operação. As bases militares dos Estados Unidos no Japão auxiliaram a passagem de soldados, de suprimentos e de tanques para o exército.

Mas essa batalha é apenas uma das muitas que ocorreram. A Guerra da Coreia é conhecida por ser uma batalha de avanços e retrocessos. Depois desta primeira fase, a Coreia do Sul avança até se aproximar com a fronteira da China e União Soviética. Logo depois, seus rivais contra-atacam, chegando à fronteira inicial. E por fim, é estabelecido um armistício em 27 de julho de 1953, no qual fica imposto uma zona desmilitarizada de 4 km de largura por toda a fronteira terrestre e que também se estendia por uma porção marítima, visto o número alto de ilhas pertencentes as Coreias.

Também conhecido como Paz de Panmunjom, ele foi batizado com o nome da cidade na qual foi realizado. O acordo foi estabelecido na ocasião em que a Coreia do Norte e a Coreia do Sul se encontravam em guerra, motivadas pela diferença de ideologias. A primeira, comunista, sendo apoiada pela União Soviética, e mais tarde pela China e a segunda, através de um sistema liberal-capitalista, sendo apoiada pelos Estados Unidos. Essa guerra foi considerada como uma das mais importantes para a delimitação das partes na Guerra Fria, pois as duas potências exerceram sua influência sob os territórios através do financiamento e do envio de forças militares e insumos para a linha de frente da guerra.

Por meio da interferência da ONU, as partes foram advertidas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas que deveria ser efetuado um acordo de paz. Contudo, não chegaram a um acordo para o estabelecer, mas foi dada preferência ao Armistício. O presidente sul-coreano da época, Syngman Rhee, se recusou a assinar, já que acreditava que deveria haver um vencedor por meio de uma guerra, conforme observado no espelho original do Acordo de Armistício, que se encontra sob depósito da Organização das Nações Unidas (1953).

A chamada Linha de Demarcação Militar (LDM) foi implementada no centro da zona de 4 quilômetros de divisão entre Coreia do Norte e Coreia do Sul. Como uma forma de tentar amenizar as agitações, as duas Coreias retiraram, ao menos, 10 postos de guarda, cada,

da zona desmilitarizada (DMZ). Foi então criada uma zona tampão, como uma medida protetiva de cessar-fogo para as nações não quebrarem o bloqueio do DMZ (CHUNG, 2019).

A Guerra da Coreia foi o marco para o estabelecimento de interações entre as superpotências durante a Guerra Fria. Enquanto a política de cessação do uso de armas atômicas foi imposta, as guerras regionais, dentro de cada zona de relação continental, foram vistas como o padrão de mediação entre EUA e URSS (MARTINS, 2008).

Durante o período pós-guerra da Coreia, os Estados Unidos, China e Rússia se voltaram ao acolhimento das nações com as quais compartilhavam semelhança ideológica, sendo os EUA no amparo econômico e, às vezes político à Coreia do Sul e a China e Rússia, essa em menor escala, à Coreia do Norte.

De acordo com Brites (2014) haviam três níveis de mudanças que desencadearam uma nova organização social, política e econômica na Península Coreana durante o séc XIX: os avanços do capitalismo industrial que culminou no avanço imperialista do Japão; a queda do sistema tributário da China; crescimento dos Estados Unidos como uma potência mundial e influência na Ásia.

No decorrer do mandato de Syngman Rhee, nos anos 60, o primeiro líder sul-coreano e mais tarde ditador, foi formada uma aliança com os Estados Unidos, para que houvesse um auxílio militar, econômico e político. Na questão militar houve treinamento de nacionais, controle das operações e conceção de material bélico, para que com o auxílio da Coreia do Sul pudesse conter o avanço do comunismo na região (BRITES, p.36).

Foram introduzidos novos tipos de armamento na Coreia do Sul com o financiamento e a ajuda do governo americano foram criadas forças militares capazes de desenvolver a capacidade bélica na Coreia do Sul, pois essa se encontrava enfraquecida politicamente e economicamente não tendo histórico de forças militares bem-sucedidas, como as forças da Coreia do Norte, pois possuía uma projeção militar mais avançada que a Coreia do Sul, mas que dependia do financiamento da URSS (BRITES, 2014).

A Coreia do Norte, no pós-guerra, pôs em prática a doutrina de Zuche¹². Ela é o elemento fundamental da consonância social norte-coreana contra as ameaças externas, pois enquanto doutrina oferecia uma certa autoconfiança, como se o povo norte-coreano se portasse de autonomia sobre seu destino e seu desenvolvimento. Uma prova disso é a implementação do programa nuclear norte-coreano, ainda em curso, que teve início com a

¹² Com base no livro “A Revolução Coreana” a doutrina de Zuche (1960) é uma filosofia política baseada na autossuficiência e independência evidenciada, tanto na política e ideologia quanto na economia e defesa da nação.

construção de um amplo centro de pesquisa em energia nuclear sediado na cidade de Yongbyon, por meio de financiamento soviético (BRITES, 2014).

Com a descoberta dos programas ilegais na Coreia do Norte para enriquecimento de suas reservas de urânio e plutônio, houve um forte debate na comunidade internacional acerca do estabelecimento de um mecanismo de controle das armas nucleares. As potências globais e regionais não queriam que o caso Hiroshima e Nagasaki se repetisse e que fosse iniciada uma guerra nuclear em maiores proporções, gerando um problema de segurança global, com objetivo de manter não só a região segura, mas também o mundo livre dos ataques malignos da Coreia do Norte. Portanto, através do Tratado sobre a Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), fica imposto que, com o aval da ONU, as nações signatárias se propunham a suspender as suas atividades nucleares (MARZO, 2006).

De acordo ainda com Marzo (2006) o TNP separa dois grupos de países: os cinco Estados reconhecidos oficialmente como possuidores de armas nucleares, aqueles membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, e que devem se desarmar voluntariamente, e as outras nações signatárias que são fiscalizadas para não obterem ou produzirem com seus recursos naturais, armamento nuclear.

O governo de George Bush, de 1989 a 1993, direcionou a política externa para a Coreia do Norte com objetivo de colocar um ponto final na questão do programa nuclear. Isso exigiu que a RDPC se submetesse às salvaguardas da AIEA. Foi imposto que toda a campanha anti americana tivesse um fim e que houvesse o abandono de quaisquer práticas ou apoio a atos terroristas (BRITES, 2014).

Introduced by the International Atomic Energy Agency (IAEA) in 1968, the NPT is a comprehensive legal framework for materializing the nuclear safeguards programme. The Treaty is based on two important rules: one is the peaceful use of nuclear energy, and the other is the dissemination of nuclear technology only for peaceful purposes. (LEE, 2010, p.3)¹³

No dia 12 de dezembro de 1985, a Coreia do Norte ratificou o TNP. Contudo o Acordo de Salvaguardas estabelecido entre RDPC e a AIEA, que fora previsto no TNP apenas entrou em vigência apenas em abril de 1992 (MARZO, 2006).

¹³ Em tradução própria: Introduzido pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) em 1968, o TNP é uma estrutura legal abrangente para materializar o programa nuclear de salvaguardas. O Tratado se baseia em suas regras importantes: uma é o uso pacífico da energia nuclear e a outra é a disseminação da tecnologia nuclear apenas para fins pacíficos.

2.3 Processo Armamentício da Coreia do Norte a partir de 2003

Na década de 70, o estabelecimento da doutrina Nixon garantiu que os aliados regionais dos Estados Unidos teriam mais autonomia para agir conforme suas políticas internas, mas ainda deveriam estar em conformidade com o pensamento norte-americano (BRITES, 2014).

Por outro lado, com o afastamento dos Estados Unidos, foi estabelecida a *Sunshine Policy*, que foi uma das tentativas de reaproximação da Coreia do Norte com a Coreia do Sul, através da pacificidade entre as nações para a normalização das relações governamentais e melhora das discussões políticas. Houve também aplicação de investimentos sul-coreanos na Coreia do Norte, para que ao longo prazo, talvez pudessem se reunificar (PECEQUILO, 2003). O sistema político da Coreia do Norte sobreviveu por muito tempo com a ajuda financeira da China e da Coreia do Sul, esta última que durante a *Sunshine Policy* que perdurou de 1998 a 2008, transferiu cerca de 8 bilhões de dólares ao governo norte-coreano em forma de auxílio econômico. Agora, essa ajuda foi encerrada e a maior fonte de apoio ao sistema é a China, que é o principal parceiro comercial da Coreia do Norte (TERRY, 2014).

Foi acordado pelas nações mais relevantes no sistema internacional nas décadas de 70 e de 80 que a Coreia do Norte empregaria pacificamente o uso de energia nuclear, mas não surtiu o efeito esperado pelas nações signatárias do TNP, já que o governo do então líder, Kim Jong Il estava promovendo enriquecimento de plutônio e urânio em seu território. De acordo com Kim (2003) “North Korea’s possession of nuclear weapons will make it very difficult to achieve peaceful korean reunification by bringing about a radical change in the balance of power in the East Asian region as well as on the peninsula”¹⁴

Em 1986 foi iniciada a construção de um reator do mesmo modelo que aquele construído anteriormente ao TNP, mas agora ele é cerca de dez vezes mais potente, com as especificações apropriadas para a produção de plutônio e também foi construído um laboratório para o manejo correto do plutônio (MARZO, 2006).

Inicialmente, quando houve o início do desenvolvimento do programa nuclear norte-coreano por volta dos anos 90, a Coreia do Norte se encontrava aos frangalhos, tanto o seu sistema político, quanto ao enfrentamento de uma crise econômica que ainda perdurava desde o final da Guerra da Coreia. Só foi dada a devida importância quando a mesma foi

¹⁴ Em tradução livre: A posse de armas nucleares pela Coreia do Norte tornará muito difícil alcançar a reunificação pacífica da Coreia, trazendo uma mudança radical no equilíbrio da região do Leste Asiático, bem como na península.

agravada pela morte do líder Kim Il Sung no ano de 1994. O filho dele, Kim Jong Il, seu sucessor, decidiu usar os recursos financeiros escassos para desenvolver o programa de produção de ogivas nucleares como um meio de garantir força política e se manter no poder (LEE, 2010).

Para Marzo (2006), até os anos 90, as medidas de ressalvas na produção de materiais nucleares declarados eram somente implementadas com o intuito de assegurar que eles não seriam desviados para a construção de armamento nucleares. Quando foi comprovado que a Coreia do Norte estava de fato enriquecendo urânio e plutônio, a Junta de Governadores da AIEA por meio de uma resolução incrimina o país pelo descumprimento do TNP. Essa descoberta levou os governos do Japão e dos Estados Unidos a retirarem os benefícios à Coreia do Norte no ano de 2002, além da parada de construção em 2003. De acordo com Marzo (2006), “os Estado Unidos informaram que, durante as conversações rotineiras com o governo norte-coreano, este havia confirmado que tinha um programa para enriquecer urânio para armas nucleares”.

Em dezembro de 2002, o governo norte-coreano decidiu romper as relações e inativar as câmeras da AIEA usadas como monitoramento das atividades nas instalações e laboratórios. No mesmo ano, a Coreia do Norte informou que estaria deixando o TNP com a intenção de dar início ao desenvolvimento tecnológico nuclear. Mas, assim como mencionado anteriormente, já havia indícios do retorno das atividades nucleares no país. O retorno do investimento em armamento nuclear ocorreu devido a diminuição dos auxílios humanitários dos norte-americanos, além da crise financeira no país. Contudo, as usinas construídas apenas seriam utilizadas para o desenvolvimento tecnológico e como garantia de melhoria de condições humanitárias da população, conforme explicado por Pecequilo (2003).

Ainda de acordo com a autora, Bush ‘filho’ se encontrava no poder, esse fato conferia uma certa pressão no processo de tomada de decisões, visto o momento que os Estados Unidos estavam vivenciando, com o recente ataque do 11 de setembro e a recente luta contra o “Eixo do Mal”, bem como a recente inclusão da Coreia do Norte neste grupo, com o repúdio às ações e Pyongyang.

Como já citado, é sabido que a Coreia do Norte ignorou o TNP e as restrições da AIEA. Por esse motivo ela feriu o acordo internacional, gerando precedente para que outros países, possivelmente com os mesmos motivos, também começassem a investir em armamentos e no enriquecimento de urânio e plutônio disponíveis em seu território (CERISANO, 2006). Nesse caso seu descumprimento poderia ser considerado uma ameaça à segurança internacional, assim como se estabelece abaixo:

A questão da Coreia do Norte é obviamente uma situação de não-cumprimento do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) e, portanto, o debate não se centra nos usos pacíficos da energia nuclear (CERISANO, 2006, p. 63)

No dia 11 de janeiro de 2003, comprovando as expectativas da sociedade internacional, a Coreia do Norte se desvinculou do TNP (MARZO, 2006). Desde então, ela vem se mostrando cada vez mais disposta a ter seu programa nuclear ativo e a sua ascensão como uma potência militar munida de armas atômicas a pronto uso enquanto em situação de ofendido e prejudicado.

Ainda no ano de 2003, foi formado o *Six-Party Talks*, no qual foram realizados debates entre as principais nações envolvidas no processo de negociação contra o programa nuclear em andamento. A China, os EUA, a Rússia, o Japão e as duas Coreias se reuniram em Pequim no dia 27 de agosto para definir como seria conduzida e solucionada a questão. A Coreia do Norte, em um primeiro momento participou cordialmente da mesa de discussão, mas pouco tempo depois deixou o grupo e deu continuidade às atividades do seu programa nuclear (CHUNG, 2019).

O método de gerenciamento e contenção da crise usado pelo governo norte-coreano não era muito bem definido, mas eles tinham muitas influências do Partido dos Trabalhadores da Coreia (PTC). Esses, tinham a supervisão de todas as agências internas, como uma presença geral, capaz de atuar em conjunto com a hierarquia político-militar da Coreia do Norte (COLLINS, 2015).

Por meio de uma implementação de um regime militar, embasado na *Songun Policy*¹⁵ Kim Jong-un foi por diversas vezes quase deposto em nome de uma política que visava a supremacia governamental dos militares. Por conta deste fator, de 2011 a 2016, Kim, mandou executar cerca de 340 militares que conspiravam contra o seu governo, demonstrando a fragilidade política do país (LIM, 2019).

The scale and brutality of personnel actions in North Korea, which began mainly in 2012 and has lasted up until now has been unprecedented. In the aftermath of the death of Kim Jong-il, about half of the leading officials in major North Korean institutions—namely, the party, government, and the military—were replaced between 2012 and 2013. One notable instance of purge and executions that shocked the world included the execution of Jang

¹⁵ Política norte-coreana que visa a priorização dos militares do Exército Popular da Coreia (EPC) na política estatal e na economia do país.

Sung ThaeK (then Vice-Chairman of the National Defense Commission) (LEE, 2015, p.3).¹⁶

O desenvolvimento de foguetes pela Coreia do Norte não seria um problema para a Coreia do Sul e aos outros vizinhos regionais se o regime não recorresse à ostensiva dos mísseis nucleares em seu território. Entretanto, mesmo com informações dizendo justamente o oposto, que os mísseis podem ser uma ameaça de fato aos países do entorno, uma situação hipotética na qual a Coreia do Norte quisesse atacar sua vizinha, centenas de mísseis norte-coreanos não seriam suficientes para devastar a Coreia do Sul e a base militar estadunidense presente no Estado (POSTROL, 2016). Ao contrário do que pensavam, na época da morte do ditador Kim Jong-il em 2011, foi especulado pela mídia que o sistema eventualmente entraria em colapso. Isso levou ao governo sul-coreano preparar seu exército para uma possível quebra do armistício, que foi assinado em 1953 (TERRY, 2014).

Até o governo Obama (2009-2016) os Estados Unidos têm se mantido como observadores da situação na Península Coreana. Através do uso de suas tropas militares, eles foram capazes de patrulhar o perímetro da DMZ e estabelecer controle na área. Mas ao mesmo tempo que possui total acesso a parte sul-coreana do território e consegue auxiliar mais livremente, os Estados Unidos não conseguiram controlar os desejos do governo norte-coreano, que ainda possui beligerantes e continua realizando testes nucleares, esses podem ser utilizados contra os Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul. Essas armas podem causar destruição em massa, pois são armas químicas e biológicas, além de armamento sofisticado importado pelo governo norte-coreano (TERRY, 2014).

A Coreia do Norte, no ano de 2017, iniciou os testes de seu programa *Intercontinental Ballistic Missiles*, que inclui também a bomba de hidrogênio. Faz parte de uma tentativa de estabelecer um domínio sobre o poderio nuclear e provocar a Sociedade Internacional, principalmente os Estados Unidos, o seu “pior inimigo”, que embora tenha aparentemente avançado em negociações com o país coreano durante o governo de Donald Trump, as hostilidades permaneceram (HUTCHINSON, 2018).

Na visão de Lim (2019), com uma mudança na sua política estrangeira, a Coreia do Norte tenta negociar uma política de paz no regime entre as duas Coreias. Para tanto, vem sendo realizadas reuniões da Cúpula Inter Coreana, prevista para acontecer todos os anos, o

¹⁶ Em tradução livre: A escala de brutalidade das ações da Coreia do Norte, que começaram principalmente em 2012 e duram até hoje, não têm precedentes. Após a morte de Kim Jong.II, cerca de metade dos principais funcionários das principais instituições norte-coreanas - a saber, o partido, o governo e os militares - foram substituídos entre 2012 e 2013. Um exemplo notável de expurgos e execuções que chocou o mundo incluiu a execução de Jang Sung ThaeK (até então vice-presidente da Comissão de Defesa Nacional).

que caracteriza uma aproximação de um possível acordo entre as duas nações, através da aproximação social e política das mesmas.

Uma pequena mudança pode ser verificada no discurso de ano novo de 2018 do líder norte coreano, Kim Jong Un, no qual elogia os avanços nas ogivas nucleares e o esforço dos militares em defender o país, mas também defende que deve haver uma maior independência acerca de inovações em aparato científico e tecnológico para que a nação se modernize. Ele também manifestou um desejo de se reconectar com a Coreia do Sul, dando a justificativa do *Minjok*¹⁷ e aceitando o convite de participar nos Jogos Olímpicos de Inverno, que foram sediados pela Coreia do Sul naquele ano (LIM, 2019).

¹⁷ Isto é, um nacionalismo baseado na etnia coreana para promover laços mais aprofundados. Ainda existe uma noção de um só povo coreano e uma só nação por parte de alguns coreanos mais nacionalistas.

CAPÍTULO 3: O *modus operandi* do relacionamento das grandes potências com as Coreias e perspectivas de reunificação da Península Coreana.

Ao longo de vários desafios, tanto a Coreia do Norte quanto a Coreia do Sul vem demonstrando um desejo latente de reunificação¹⁸, não apenas pelo estabelecimento da paz na região, mas também pela sua herança histórica e cultural, pelos civis que se encontram separados de suas famílias e também pela opinião pública na Coreia do Sul e seu desejo de ver a nação unificada como fora anteriormente. Sendo assim, as nações sempre se encontram à mercê das decisões das grandes potências, e ainda hoje não é diferente.

3.1 Choque de Interesse Externos em relação a possível reunificação das coreias

Historicamente, por ser a Coreia do Sul um país cercado de potências, sempre foi vista como um tipo de prêmio a quem conseguisse a conquistar, seja de forma física ou por meio de influência. Hoje, tanto esse país quanto a Coreia do Norte possuem grande relevância ao estabelecimento de poder e a implementação de uma Nova Ordem Mundial (VISENTINI, 2012). Não muito diferente dos anos anteriores, a Península Coreana ainda enfrenta alguns desafios e empasses na cooperação regional e no estabelecimento de políticas conjuntas voltadas ao bem-estar e a perpetuação da paz na região. Por esse motivo ainda é considerada uma região de instabilidade política e de defesa regional.

The main objectives of a security regime in Northeast Asia include creating a stable and friendly environment for a peace regime on the Korean Peninsula and the institutionalization of the regional security regime in order to establish mutual respect and reconciliation architecture (CHUNG, 2019, p. 9-10)¹⁹

Mesmo que o Japão seja um parceiro importante da Coreia do Sul e que na maioria das tentativas de discussões atue apenas como espectador e como uma figura mais secundária, ainda tem sua parcela de atuação nos assuntos referentes às questões Coreanas. Um exemplo desse vínculo e das diferenças políticas existentes entre as Coreias e do Japão é a inércia do governo japonês em reconhecer os erros e se retratar com as autoridades e com a

¹⁸ Esse desejo é verificado por meio das tentativas recorrentes de reaproximação diplomática, pelas recentes reuniões realizadas nas últimas décadas ou político-econômica, por meio da ajuda financeira estabelecida pela Sunshine Policy, fatos que serão abordados mais a fundo neste capítulo.

¹⁹ Em tradução livre: Os principais objetivos de um regime de segurança no nordeste da Ásia inclui a criação de um ambiente estável e amigável para um regime de paz na Península Coreana e a institucionalização do regime de segurança regional para estabelecer o respeito mútuo e a construção da reconciliação.

população Coreana sobre os acontecimentos da invasão da Península Coreana (1910) até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Outro ponto de entrave entre os governos sul-coreano e japonês é a disputa pelos Rochedos de Liancourt, também conhecida como ilha de Dokdo pelos sul-coreanos, e denominada de Takeshima pelos japoneses. Internacionalmente, a ilha está sob a autoridade da Coreia do Sul, mas o império japonês reclama o domínio da região, o que causa uma dissonância entre os governos soberanos.²⁰

Em uma situação em que a Coreia do Norte e a Coreia do Sul venham a firmar um acordo de paz, restabelecer as suas relações ou até mesmo iniciar um processo de reunificação, os interesses do império japonês estariam ameaçados pela diferença dos pensamentos políticos. Mesmo que ocorra um acordo com a parte sul, a porção norte do território ainda vê os japoneses como os grandes vilões da nação coreana. Contudo, ainda é incerto que o cenário da reunificação ocorrerá, pelo menos nas próximas décadas.

Em relação ao histórico do relacionamento dos Estados Unidos com os países do Leste Asiático, em principal das duas Coreias, enquanto foi uma figura paternalista aos sul-coreanos, para os norte-coreanos os americanos eram vistos como os “narigudos capitalistas”. Ainda que os Estados Unidos não tenham estabelecido contato diplomático com a Coreia do Norte, já havia um grande interesse por parte dos americanos na região desde o governo de Bill Clinton, na década de 1990. A partir de então, já se tentava estabelecer negociações para dar um fim às ameaças de nuclearização do país. Mesmo com as constantes falhas nas negociações, o governo norte-coreano prometeu dar um fim ao seu programa nuclear, se os americanos concederem auxílio financeiro e reconhecimento, apesar de voltar atrás em sua palavra diversas vezes (TERRY, 2014).

Na administração de Donald Trump, foi possível estabelecer diversos momentos que regulam as relações entre Estados Unidos e Coreia do Norte. Desses fatores, se destacam, o ressurgimento do Proliferation Security Initiative’s (PSI) Operational Experts Group, que logo após a confirmação da participação da Coreia do Norte nas Olimpíadas de Inverno na Coreia do Sul em 2018, foram lembrados das resoluções da ONU 2375 e 2397, também a criação do Grupo de Vancouver, no qual membros das Nações Unidas se juntaram para combater a proliferação das armas nucleares pela Coreia do Norte (HUTCHINSON, 2018).

Por meio de uma política voltada ao desestímulo do processo armamentista da Coreia do Norte, os Estados Unidos investem em uma série de tentativas de limitar esse aumento das

²⁰ Note-se que as diferenças governamentais e políticas não se estendem às outras áreas. O intercâmbio entre a Coreia do Sul e o Japão é muito valorizado pelos nacionais das duas nações. Durante os anos após a Guerra da Coreia e o desenvolvimento econômico do Japão houve um influência cultural e tecnológica entre os dois países, sendo muitas vezes apoiados pelos próprios nacionais destes.

forças balísticas através de sanções econômicas, denúncias internacionais sobre a não proteção dos direitos humanos e até discussões com o governo chinês sobre as possíveis perspectivas de uma momento pós-reunificação da Coreia, para que o líder regional se sinta mais confortável e a vontade com a possível realidade. Além disso, na proposta de Trump seriam retiradas todas as tropas americanas do território coreano para que o processo de discussão ocorra de maneira mais pacífica e tranquila para os países vizinhos (TERRY, 2014).

Ainda na visão de Terry (2014), os Estados Unidos devem abandonar as esperanças de estabelecer uma política que vá interromper o processo de nuclearização, bem como uma estratégia concreta e que vise o longo prazo. Isso porque é mais provável que a Coreia do Norte vá continuar as tentativas ilegais dando continuidade a implementação de ogivas nucleares. Assim, os Estados Unidos precisam entender a questão nuclear antes de tentar estabelecer uma ponte de contatos entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul visando uma reunificação voltada à implementação do multilateralismo no processo e a gestão de eventuais desafios que os Estados possam encontrar no período de discussão (KIM, 2013).

Já a China, como sempre foi uma grande fonte de influência cultural, econômica e principalmente política para o reino de Goryeo e para a dinastia de Joseon. No pós 2ª Guerra Mundial essa influência foi cessada e as potências da época, EUA e URSS foram as influências na região. A China, por ter uma vertente ideológica mais vinculada aos norte-coreanos, a tendência é que haja uma maior participação e defesa aos interesses dos seus vizinhos terrestres. Mesmo com seus entraves ao longo dos anos, ela foi a figura da “grande irmã” do governo norte-coreano, atuando como a principal financiadora do governo da família Kim. Ainda hoje, a Coreia do Norte recebe suporte governamental chinês a partir do apoio diplomático e político e das trocas comerciais, já que a China é a principal e única parceira comercial da Coreia do Norte, exportando alimentos e petróleo (KIM, 2013).

Um importante fato é que a Coreia do Norte depende economicamente da China, do que necessariamente politicamente e ideologicamente. As questões agora são permeadas por meio do financiamento tecnológico e da ajuda concedida pelo governo chinês. A China se tornou cada dia mais o credor do governo norte-coreano. As exportações chinesas para a Coreia do Norte subiram 50% em detrimento de outros países para os quais a China também exporta, como por exemplo a Coreia do Sul e o Japão que vem se aproximando cada vez mais dos Estados Unidos (YANG, 2006).

Contudo, nos últimos anos, a relação da Coreia do Norte com a China vem se deteriorando depois do teste nuclear realizado em 2013 e da execução de Jang, o tio traidor que era o chefe de gabinete representante na China. Além dessa questão, documentos

americanos a respeito da situação crítica da Coreia do Norte foram publicados no site “Wikileaks” que expôs que o governo chinês estava desconfiado do sistema da Coreia do Norte (TERRY, 2014).

Com isso a relação com a Coreia do Sul, que flutua entre cordialidade e indiferença, fica por vezes abalada. Para que a sua política seja realizada é necessário que o ambiente seja propício à implementação e ao desenvolvimento dos programas econômicos chineses. Por todos esses motivos, não é de interesse do governo chinês que o governo norte coreano ataque militarmente a Coreia do Sul, pois é necessário que se tenha uma harmonia regional (KIM, 2013).

3.2 Negociações na Península no Século XXI

O Armistício de Panmunjon, ONU (1953) estabelece que seria demarcada uma linha de 2 quilômetros de cada país, formando uma faixa de 4 quilômetros, estabelecendo uma faixa desmilitarizada entre os países. A zona deveria ser resguardada pelo exército de cada nação, com as divisões entre norte e sul pré-delimitadas atingindo inclusive o mar territorial. Ao longo da metade final do século XX e das duas primeiras décadas do século XXI, tanto a Coreia do Norte quanto a Coreia do Sul tentaram efetivar a vontade dormente de retomar as negociações e eventualmente, se for de interesse das partes, efetuar um projeto de reunificação.

Anos mais tarde, em 2018, por meio do encontro na cidade de Kaesong, na Coreia do Sul foi assinada a Declaração de Panmunjom para a Paz, Prosperidade e Unificação da Península Coreana pelo líder, Kim Jong Un, da Coreia do Norte e Moon Jae-In, presidente da nação sede. As duas Coreias estabeleceram uma paz temporária e uma abertura mais concreta, de certa forma, do que as que foram estabelecidas previamente pelo Armistício.²¹ das suas fronteiras imaginárias, pois ainda existem barreiras físicas nas Coreias. Essa Declaração permitiu que os Estados Unidos pudessem mediar as negociações entre o governo sul-coreano e o governo norte-coreano, para dar mais lisura e reforçar as medidas propostas durante as discussões (LIM, 2019).

Porém o processo que se deu a partir da década de 90 deve ser analisado através de duas perspectivas: a reunificação em si, que já é desafiadora; e a transformação estratégica

²¹ Observe que aqui a Declaração de 2018 não anula o Armistício de 1953 da ONU, mas apenas amplia os termos e reforça o conteúdo já em vigência.

que será implementada com a reunificação e qual é a sua modificação no sudeste asiático (COGHLAN, 2009).

Para Brites (2014) o Acordo para Reconciliação, Não-agressão, Cooperação e Intercâmbio entre Norte e Sul” modificou o modo como se dava a inter-relação entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul abrindo espaço para as novas bases de negociações de assuntos frágeis como é o caso do programa nuclear. Primeiramente ela determinava o mútuo respeito dos regimes políticos vigentes. Em segundo lugar ficava estabelecido que as duas Coreias lutariam juntas para que o armistício fosse transformado em acordo de paz e em terceiro plano, os dois países devem cessar a competição e o confronto, e a cooperação deverá tomar lugar nas negociações a fim de promover o sucesso das duas Coreias.

Tanto a China quanto os Estados Unidos se encontram muito avançadas tecnologicamente, quanto militarmente. A Coreia do Sul já provou que por meio da política de desenvolvimento implementada no pós-Guerra em 1953 foi bem sucedida em sua busca por uma autonomia não só política e econômica, mas principalmente militar e no desenvolvimento de sua força beligerante. Já a Coreia do Norte por seguir o socialismo de Zuche investe todos os seus recursos no desenvolvimento de seu exército e de seu poder bélico, principalmente no enriquecimento de plutônio e urânio e nos testes nucleares realizados principalmente nos últimos 30 anos.

Tabela 1: Dados gerais das nações envolvidas

	Estados Unidos	China	Coreia do Norte	Coreia do Sul
PIB (em dólar)	21.433 tri	14.28 tri	-	1.647 tri
População (2020)	328.529.323	1.398 bi	25.666.161	51.709.068
Militares na ativa (2020)	1.400.000	2.185.000	1.300.000	600.000
Militares na reserva (2020)	845.500	510.000	600.000	3.100.000
Poder terrestre (quantidade de equipamentos)	50.305	43.659	18.795	24.528
Poder naval (quantidade de equipamentos)	713	1.185	789	332
Poder aéreo (quantidade de equipamentos)	13.233	3.260	946	1.581

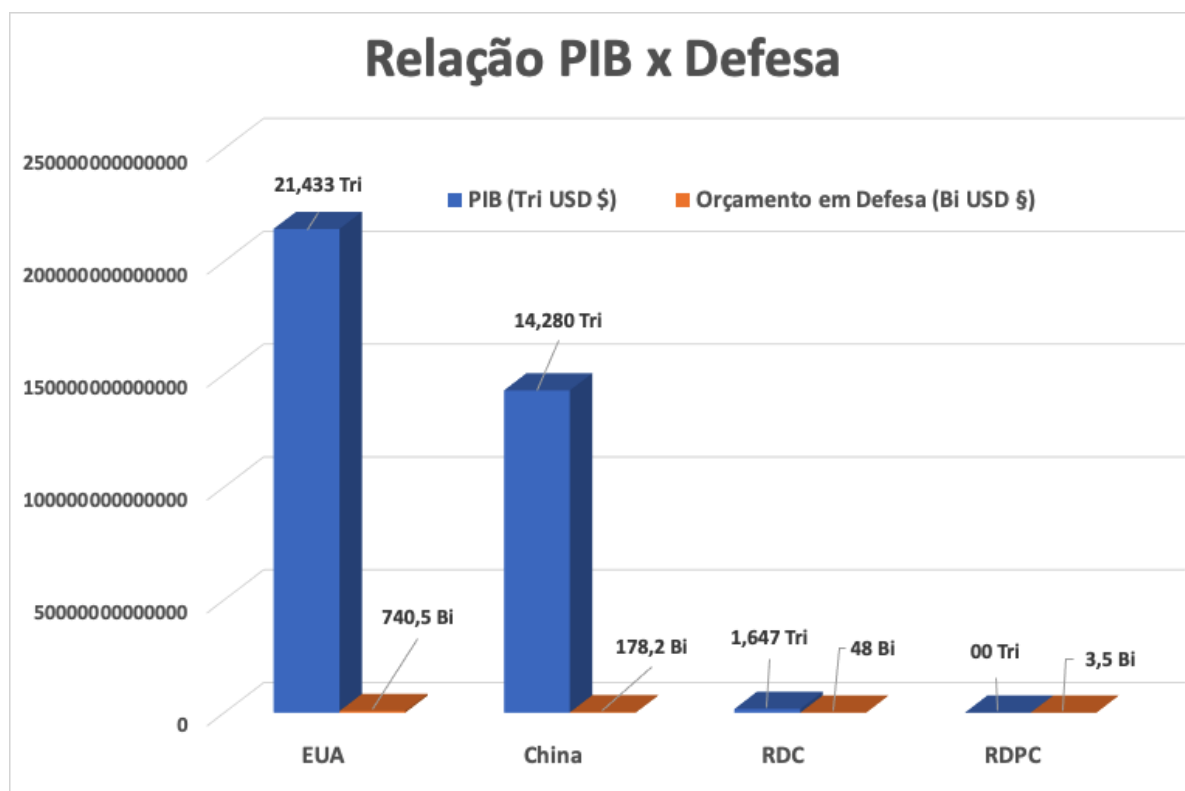
Ogivas nucleares (2019)	6.185	290	20-30	-
Orçamento gasto em defesa (em dólar)	740.5 bi	178.2 bi	3.5 bi	48 bi

FONTE: Elaboração própria com base no Global Fire Power, Sipri e World Bank (2021)

De acordo com os dados listados acima é possível verificar que o PIB dos Estados Unidos prova que a capacidade econômica dele é equivalente ao investimento de defesa e segurança. O capital aplicado nas forças militares e na tecnologia armamentícia é coerente com o projeto político da nação. O que também se assemelha aos dados da China, visto que essa detém grande poder monetário e a maior população do mundo, mas o foco de sua política externa recai no comércio internacional e no desenvolvimento tecnológico do país, por isso seu orçamento em defesa é menor que dos Estados Unidos.

Para tanto, em termos populacionais, quanto no número de indivíduos que passaram pelo exército, estando na ativa ou reserva a China se encontra à frente dos Estados Unidos, uma potência militar global. Por tanto é válido listar que países como a Coreia do Sul e Coreia do Norte necessitam de amparo, não apenas em termos financeiros, mas também de aliados que possam suportar um possível conflito dessa magnitude, atendendo suas demandas e garantindo o bem estar da região.

Gráfico 1: Relação PIB e orçamento gasto em defesa



FONTE: Elaboração própria com base no Global Fire Power e World Bank (2021)

Portanto, com base nos dados do gráfico 1 foram extraídas as informações de PIB e de gastos em defesa da tabela 1, é possível notar que mesmo que a China seja um poder em ascensão, ela ainda é um poder comercial e não militar. Por estar atrás dos EUA e ainda de outras nações como a Rússia, ou ela ainda não consegue se manter na oposição à força capitalista ou é de seu próprio interesse que permaneça no papel de antagonista como beligerante.

Os Estados Unidos foram considerados por muito tempo aliados da Coreia do Sul (RDC). Em relação aos dados da tabela e do gráfico, o financiamento do seu aliado capitalista, convenientemente mais rico a beneficiou militarmente, pois seu gasto em defesa não era proeminente, o que estabeleceu uma abertura para o investimento em outras áreas já que o país estava em processo de reconstrução e desenvolvimento. Isso evidencia uma característica do realismo ofensivo, pois como os EUA eram aliados da Coreia do Sul não havia necessidades de maiores gastos na defesa regional.

Outra análise que pode ser feita é a posição da Coreia do Norte (RDPC) em seu investimento na defesa de seu território. Mesmo o seu PIB ainda desconhecido, ela investe em seu exército e na construção de reatores e usinas de enriquecimento de urânio, plutônio e carvão, como já abordado no capítulo anterior. Isso apenas demonstra que ela tem o desejo de se proteger, mesmo que isso signifique renunciar aos tratados e acordos internacionais, compelir as nações e conduzir uma possível destruição iminente dos territórios vizinhos.

De acordo com Kim (2003), existe um consenso de que é necessário que para que a paz na Península Coreana seja uma realidade breve, o processo de alinhamento das ideias das grandes potências seja alinhado visando o bem-estar da população coreana como unidade. O processo de reunificação das Coreias deve ser sustentado pela construção de um regime baseado na paz, além de firmar um tratado de paz entre as vizinhas com propósito de garantir estabilidade e prosperidade (CHUNG, 2019). O processo de pacificação terá um efeito direto nas futuras decisões internacionais e na organização estrutural e ideológica das nações do Leste Asiático.

3.3 Perspectivas de paz entre as Coreias?

Nas últimas três décadas foram realizadas diversas Cúpulas com o objetivo de encaminhar as tratativas de negociação entre as Coreias. Elas foram realizadas nos anos de:

13 a 15 de junho de 2000, a primeira Inter-Korean Summit; a segunda, de 2 a 4 de outubro de 2007; a terceira, em 27 de abril de 2018, a quarta, apenas 29 dias depois, em 26 de maio de 2018; e a última, também em 2018, na data de 18 a 20 de setembro. No ano de 2018 também foi promovida uma Cúpula Inter Coreana juntamente com a Cúpula de Cingapura foram a base para o estabelecimento das relações (LIM, 2019). Ocorreu em 2019 a Cúpula de Hanói, entre os chefes de Estado da Coreia do Norte e dos EUA. Contudo, essa Cúpula foi considerada um fracasso pois os dois líderes não chegaram a um acordo referente ao término do desenvolvimento e dos testes nucleares, sendo a última cúpula realizada entre os dois países. O quadro 2 lista todas as tentativas de negociações já realizadas até a data.

Quadro 2: Cúpulas Internacionais - Inter-Coreana

Data	Local	Participantes
13 a 15 de junho de 2000	Pyongyang - RDPC	Coreia do Norte e Coreia do Sul
2 a 4 de outubro de 2007	Pyongyang - RDPC	Coreia do Norte e Coreia do Sul
27 de abril de 2018	Panmunjom - DMZ	Kim Jong Un (RDPC) e Moon Jae-In (RDC)
26 de maio de 2018	Panmunjom - DMZ	Kim Jong Un (RDPC) e Moon Jae-In (RDC)
12 de junho de 2018	Sentosa - Cingapura	Kim Jong Un (RDPC) e Donald Trump (EUA)
18 a 20 de setembro de 2018	Pyongyang - RDPC	Coreia do Norte e Coreia do Sul
27 a 28 de fevereiro de 2019	Hanói - Vietnã	Kim Jong Un (RDPC) e Donald Trump (EUA)

FONTE: Elaboração própria com base em LIM (2019) e El país (2018) - (2021)

Note que não necessariamente os líderes governamentais dos países listados no quadro estavam presentes, mas suas comitivas e representantes estiveram à mesa de negociação. A cidade de Panmunjom foi a escolhida para a realização das discussões, pois se trata de um território em que é histórico, pois foi assinado o Armistício de 1953, e um território neutro, no qual as duas nações se encontram em trégua.

Depois do encontro entre Kim Jong Un e Donald Trump, realizado em maio de 2018, o Ministro de Relações Exteriores norte-coreano, Ri Yong-Ho, durante uma conferência de imprensa tratou sobre a dificuldade de se estabelecer um acordo de desnuclearização que

agrade tanto aos Estados Unidos quanto à Coreia do Norte. De acordo com Shin (2020) ele afirmou que a Coreia do Norte fez uma proposta, mas os Estados Unidos não aceitaram. Nas palavras do Ministro Ri:

This is the biggest denuclearization step we [North Korea] can take based on the current level of trust between the two countries...toward denuclearization, the most important issue is security but we thought it would be more burdensome for the United States to take military related measures, that is why we saw partial lifting of sanctions as corresponding action (SHIN, 2020, p.2)²²

A Cúpula de Cingapura, que ocorreu em 12 de junho de 2018, foi uma tentativa de formalizar o processo de acordo a respeito da desnuclearização e o estabelecimento de relações diplomáticas, entre os Estados Unidos, representado por Donald Trump e o ditador norte-coreano, Kim Jong-un. Essas negociações podem ser consideradas tentativas de se conciliar com o Ocidente, e com a sua vizinha do sul, para que a Coreia do Norte possa estabelecer um tipo de cooperação com os países de fora de sua zona de relacionamento diplomático e comercial. Contudo, foi apresentado um ceticismo por parte de alguns países em relação à sinceridade da fala do líder norte-coreano sobre abrir mão do poder beligerante, mais especificamente nuclear (LIM, 2019).

Nesse sentido, é possível pensar nas 12 pistas para a Paz, pensadas por Graham Allison, autor do livro “A caminho da guerra” (2020). No capítulo em questão, se pode aplicar diversas dessas pistas e pensar no relacionamento das potências, Estados Unidos, China, Coreia do Norte e Coreia do Sul. Contudo esse trabalho se dedica a aplicação de apenas algumas pistas. A primeira pista “Autoridades superiores podem ajudar a resolver a rivalidade pacificamente” deve ser pensada com cuidado, já que nas diversas vezes em que EUA e China abraçaram os seus respectivos pupilos, houve logo em seguida uma dificuldade de harmonizar o discurso de ambas as partes, pois elas não tinham suas demandas atendidas.

Pulando para a terceira pista, "Estadistas astuciosos fazem da necessidade uma virtude - e distinguem necessidades de vontades" foca na explicação do uso dos recursos e oportunidades disponíveis, se favorecendo do cenário para benefício próprio sem causar desgaste em seu poder latente e em seu poder potencial. Essa tática é muito usada principalmente pela China, que se posiciona estrategicamente nos países da Ásia, assim como

²² Em tradução livre: O maior passo na desnuclearização que nós [Coreia do Norte] podemos dar, baseado no nível atual de confiança entre os dois países ... em relação a desnuclearização, o questão mais importante é a segurança, mas pensamos que poderia ser mais difícil para os Estados Unidos aceitar medidas relacionadas a assuntos militares, é por isso que vimos a aplicação parcial das sanções como uma ação correspondente.

os Estados Unidos também usufruíram dessa técnica por muitos anos na América do Sul. A quarta pista se relaciona diretamente com a terceira, “Timing é essencial” é fundamental para saber atuar no sistema internacional (ALLISON, 2020).

A aplicação da quinta pista “Elementos culturais em comum ajudam a evitar o conflito” é dúbia. Assim como discorrido no capítulo 2, as semelhanças culturais e étnicas não evitaram o conflito, mas até reforçam a diferença intrínseca entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. O povo asiático provém da mesma origem no povo mongol, contudo devido aos anos de afastamento e aos modelos políticos em vigência, as similaridades não conseguem superar as diferenças das lideranças nacionais. É inegável que há casos em que fatores de semelhança apenas facilitam o processo de cooperação entre nações, mas em relação a Península Coreana, as duas nações se sentem no direito pelo território²³, sendo assim, a disputa só causaria mais desgaste e desvio do foco do problema (ALLISON, 2020).

As pistas de 6 e 7 questionam a validade da aplicação de armas nucleares e do uso da guerra como forma de estabelecer políticas e projetar seu poder bélico²⁴. De forma a contextualizar a situação, por mais que a Coreia do Norte use sua capacidade bélica e nuclear para demonstrar seu poder, e eventualmente causar uma inquietação no sistema, a aplicação efetiva dessas forças trará consequências irreversíveis às nações. Por isso, no oitavo passo para a paz²⁵, é notável que com o conhecimento já adquirido por experiências passadas, uma guerra nuclear não garantirá os resultados benéficos às partes. Contudo, os Estados devem estar prontos para uma iminente guerra assim como é estabelecido pelo passo 9²⁶ (ALLISON, 2020).

Para finalizar a aplicação com o estudo de Allison (2020), o último passo, “O desempenho doméstico é decisivo” confirma que por mais que a Coreia do Norte declara deter armamento destrutivo e ter impressionantes resultados em seus testes, quando seu poder nuclear e militar é posto na balança, o peso socioeconômico é evidenciado pelo comando restrito do líder governamental. Três pontos são necessários levar em consideração, de acordo com Allison, o desempenho econômico, a competência em governar e o espírito nacional

²³ Aqui faço referência a implementação de um governo único. A Coreia do Norte acredita que, caso ocorra uma unificação territorial, o seu sistema político, ou seja, o socialismo baseado na doutrina de Zuche deverá ser submetido à Coreia do Sul. E do mesmo modo, o governo sul coreano tem algumas ressalvas a respeito das tratativas de efetivação da unificação, sendo o modelo norte-coreano mais desapropriado para o processo unificador.

²⁴ A sexta pista é “Não há nada novo sob o sol - exceto armas nucleares”. A pista 7 fala sobre “A destruição mútua assegurada expõe a insanidade da guerra total”.

²⁵ Para Graham Allison, o oitavo passo é definido por “A guerra quente entre superpotências nucleares não é mais uma opção justificável”.

²⁶ E a nona pista “Líderes de superpotências nucleares devem, no entanto, estar preparados para se expor a uma guerra que não podem vencer”.

para servir de base de aplicação. No momento, o governo norte coreano peca em todos os aspectos, mas ainda possui um espírito nacional relativamente forte, podendo a qualquer momento se romper.

Mesmo com a cisma temporária, os Estados Unidos e seus aliados na busca pela paz na região, incluindo a Coreia do Sul, demonstraram otimismo em relação ao andamento das negociações e decidiram dar um voto de confiança ao governo ditatorial, reforçando a necessidade do processo de construção da paz e confiança mútua (LIM, 2019).

A posse do atual presidente da Coreia do Sul, estabeleceu a aplicação dos projetos e tentativas de discussões sobre a reciprocidade dos dois países, nos governos anteriores. Como um pró-democrata, Moon Jae-In em sua gestão formulou políticas conciliatórias e de contato com a Coreia do Norte, estendendo a política *Sunshine*. É posta em prática dentro da política *New Northern Policy*, na qual será implementada a paz no sistema internacional por meio da cooperação e interconectividade entre os países (LIM, 2019).

Na visão de Coghlan (2009) existem quatro tipos de possíveis cenários para o estabelecimento da unificação: gradual, que seria estabelecida por meio do progresso das duas Coreias, através de um desenvolvimento econômico e união política da Península; *status quo*, no qual as Coreias ainda estariam separadas politicamente, mas haveria uma maior comunicação e parcerias diplomáticas entre as duas partes; colapso, que está ligado com a quebra do sistema ditatorial da Coreia do Norte e uma absorção do território pela Coreia do Sul; e guerra, onde as duas Coreias entraram em conflito.

Quadro 3: Cenários para a unificação da Península Coreana

Tipos	Movimentação regional
Gradual	União política e desenvolvimento econômico conjunto
Status quo	Retomada das relações sem união política
Colapso	Anexação da Coreia do Norte pela Coreia do Sul
Guerra	Conflito direto

FONTE: Elaboração própria com base em Coghlan (2009) - (2021)

Para Terry (2014), um dos motivos das muitas negativas de negociação por parte da Coreia do Norte foi a imprevisibilidade do líder Kim Jong-Un, que se demonstra incapaz de estabelecer reformas internas em seu país, levando até a um questionamento sobre a política interna de Pyongyang, o que pode ser verificado no ano de 2013, em que mandou executar seu tio, por traição ao governo

“There is no question North Korea’s future is bleak. There is no other country in the world that is more diplomatically isolated, politically repressive, or economically misguided. Even its closest ally and benefactor, China, is getting less tolerant of the current regime. And in the realm of diplomatic and economic competition as well as every measure of national power save military capabilities and nuclear weapons, the North has lost badly to the South, which is often cited as one of the most successful models of economic and political development in the postwar world.” (TERRY, 2014, p .102)

O papel da Coreia do Norte no cenário global deverá ser previamente estudado e acordado para que não haja uma inquietação no sistema internacional por uma potencial ameaça nuclear em ascensão. Por esse motivo é necessário que sejam estabelecidos acordos voltados ao emprego pacífico da energia nuclear produzida pela Coreia do Norte (CERISANO, 2006).

... denuclearization can be achieved through an initial comprehensive agreement, the removal of core threats and finally a complete denuclearization phase ... arms control could be achieved as military confidence-building measures, and operational and structural arms control ... we could institutionalize a security regime in Northeast Asia ... a peace treaty could be signed by the two Koreas, the United States, and China (CHUNG, 2019, p. 5)²⁷

Por se tratar de uma nação fechada, a Coreia do Norte não consegue competir com os avanços da Coreia do Sul, então ela investe em seu poder militar e em sua política centrada no líder supremo para estabelecer sua soberania através do medo coletivo de uma possível ameaça caso os cidadãos ou outros políticos não façam o que é de interesse do líder. O conceito dessa ação recebe o nome em inglês de *brinkmanship* (TERRY, 2014). Caso haja uma vontade legítima da Coreia do Norte em demonstrar boa-fé na desistência de qualquer emprego e desenvolvimento de armamento nuclear militar.

Para alguns especialistas, uma nova ordem na Península Coreana deve levar em consideração normas que possam ser favoráveis à cooperação de segurança regional. Pode ver que as relações da Península com os países do leste asiático são relevantes historicamente e economicamente. Na 72ª Assembleia Geral da ONU (2017), o presidente Moon Jae-in disse em seu discurso: “I believe that genuine peace and prosperity in Northeast Asia will begin

²⁷ Em tradução livre: ... a desnuclearização pode ser alcançada por meio de um acordo inicial abrangente, a remoção das ameaças centrais e finalmente, uma fase de desnuclearização completa... o controle de armas poderia ser alcançado por meio de medidas de fortalecimento da confiança militar, controle operacional e estrutural de armas ... poderíamos institucionalizar um regime de segurança no nordeste da Ásia... um tratado de paz poderia ser assinado pelas duas Coreias, os Estados Unidos e a China.

when the foundation for a Northeast Asian economic community is solidified on one side and multilateral security cooperation is materialized on the other.”²⁸ (SHIN, 2020).

A sociedade internacional, principalmente as duas grandes potências, EUA e China deverão se conformar com a gestão da proteção e comando das negociações e tratativas diretamente com Pyongyang pelo governo de Seul (CERISANO, 2006). Visando um Leste Asiático mais harmônico, foi prevista a criação de uma comissão político-militar constituída por representantes políticos da Coreia do Norte e da Coreia do Sul, com intuito de verificar o nível de presteza e agilidade em circunstâncias de contingência na fronteira com a Coreia do Norte (LEE, 2015).

Caso as Coreias venham passar por um processo de reunificação, a qualidade do treinamento e a conduta das forças militares da Coreia do Sul devem então ser avaliadas completa após a unificação, visto que haveria uma demanda pública para reduzir o número das forças terrestres. Nesse sentido, é necessário construir uma tática e delimitar uma estratégia que possibilite às forças terrestres coreanas a manutenção das forças militares, mas com as suas capacidades limitadas (LEE, 2015).

²⁸ Em tradução livre: Acredito que a paz e a prosperidade genuínas no nordeste da Ásia começarão quando a base para uma comunidade econômica do nordeste asiático for solidificada de um lado e a cooperação multilateral de segurança se materializar do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Brites (2014) citou em seu artigo “A abertura de um canal diplomático entre EUA e Coreia do Norte reflete também a disposição sul-coreana em promover a aproximação entre os dois países” fica explícito para o sistema internacional que há um interesse das duas partes, norte e sul, para que as relações diplomáticas sejam retomadas de modo gradual, mas permanentemente.

Seguindo nesse pensamento, a população da Coreia do Sul manifesta seu desejo de retomada das relações políticas e de possíveis discussões acerca do reencontro das duas nações. Durante a realização das Cúpulas no ano de 2018, os olhos dos sul-coreanos estavam voltados às movimentações diplomáticas, pois aquele foi um momento decisivo para o futuro das relações entre os dois povos. A participação da comitiva olímpica norte-coreana nos Jogos Olímpicos de Inverno em PyeongChang no ano de 2018 também deu mais força ao desejo de reunificação, visto que havia sido a primeira vez que um grupo do norte estava em território sulista. Como método de inclusão, na modalidade de hóquei feminino as atletas dos dois países competiram juntos como uma só equipe, evidenciando as constantes tentativas de retomada (VEJA, 2018).

Contudo, mais recentemente, houve uma troca de acusações entre o governo do líder Kim Jong Un e dos EUA. Conforme anunciado no mês de agosto pela Agência de Notícia Yonhap (2021a), a Coreia do Norte tem se inclinado a retomar os exercícios para os testes de mísseis nucleares no Mar do Japão. Até a data desta reportagem nenhum exercício foi concluído, mas a nação já se demonstrou favorável à realização desses testes, indo contra as discussões realizadas nas cúpulas de 2018.

Ainda segundo o mesmo site de notícias (Agência de Notícia Yonhap, 2021c) outra grande questão que está sendo levada em conta é o interesse dos ministros da unificação em retomar as negociações para a unificação entre as Coreias. Isso é pelo fato de diversos programas internacionais que estão para acontecer, como é o caso da reunião do G20 em Roma, ainda em 2021 e das Olimpíadas de Inverno em Pequim no primeiro trimestre de 2022. A participação das delegações das Coreias nesses eventos poderá ser uma demonstração positiva de andamento nas negociações entre Coreias, como uma forma de manifestar interesse no desarmamento e conseqüentemente a retomada do relacionamento cordial com os EUA.

Outro ponto que merece destaque na avaliação e do atraso no andamento das tratativas é a pandemia global de COVID-19. Como tudo que é liberado pela imprensa

norte-coreana, de acordo com os dados do país, nenhum caso de coronavírus foi detectado até agosto de 2021, conforme relatado pela OMS. Cerca de 36.000 nacionais foram testados, nem 0,5% da população total, de acordo com a tabela 1. Mesmo sem casos, foi relatado que o país também recebeu testes e vacina da COVID-19, certificando a sua fraqueza institucional de lidar com crises globais voltadas à saúde pública.

Já a Coreia do Sul, foi considerada um exemplo a ser seguido no início da pandemia, mas que teve um aumento gradual desde o inverno em dezembro de 2020 até agosto, com a variante Delta. Mesmo assim, ainda possui menos casos e mortes como houveram em outros países, como China e EUA. Esse controle do vírus pode ser visto como uma habilidade e estabilidade política do presidente Moon Jae-In de lidar com os problemas externos e de grande magnitude.

Com as eleições nos Estados Unidos em outubro de 2020 e a derrota de Donald Trump para Joe Biden, não houveram movimentações de como a política externa americana se posiciona em relação ao programa nuclear na Coreia do Norte. É importante lembrar que Trump foi o primeiro presidente norte-americano a entrar em território norte-coreano e estar em duas mesas de negociação com o líder Kim Jong-Un. Além disso, foram realizadas diversas reuniões dos dois países da Península com os chefes de Estado dispostos a entrar em consenso para o bem estar da região. O que é pouco provável que aconteça com o atual presidente dos EUA.

Já neste ano, mais precisamente no mês de maio, os Estados Unidos aprovaram a volta de testes de mísseis pela Coreia do Sul, o que enervou a Coreia do Norte, levando a uma série de testes balísticos ao longo dos quatro meses seguintes à queda das restrições da Coreia do Sul. O retorno do desenvolvimento do arsenal sul-coreano demonstra uma iniciativa de fortalecer a sua proteção externa e inibir possíveis ataques vindos da Coreia do Norte. Esses testes evidenciam uma dificuldade de acordar um ponto comum nas negociações realizadas pelos dois países (PADINGER, 2021; ALONSO, 2021).

Já a China, atualmente é o parceiro econômico mais proeminente da Coreia do Norte e o aliado diplomático a mais tempo do país. Isso garante alguns benefícios tanto comerciais quanto de apoio político por parte do governo de Xi Jinping, auxiliando no processo de desenvolvimento de tecnologias e investimento na indústria da Coreia do Norte. Há uma certa disposição para reforçar os laços entre as nações já que os dois países têm muito a ganhar com o alinhamento de seus interesses nacionais. A China tem desejado estender mais a sua soberania sobre os países do sul e leste asiático como uma forma de envolver os demais agentes políticos e ganhar aliados a seu sistema. Se vinculando à China, o governo de Kim

Jong-Un ganha apoio institucional e econômico no processo de desenvolvimento das forças nucleares e em um processo de reunificação política e territorial. Possíveis alianças feitas pelas potências globais com os países da Península são consideradas como políticas voltadas a uma volta da bipolaridade do sistema internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2021 Russian Military Strength. Global FirePower. Disponível em: https://www.globalfirepower.com/country-military-strength-detail.php?country_id=russia. Acesso em 26 de maio de 2021.

ALLISON, Graham. **A caminho da Guerra.** Editora Intrínseca. Setembro de 2020. P.495.

ALONSO, Lucas. **Disparos de mísseis por Coreia do Sul e do Norte ampliam tensão de corrida armamentista.** Folha de São Paulo. Setembro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/disparos-de-misseis-por-coreia-do-sul-e-do-norte-ampliam-tensao-de-corrida-armamentista.shtml>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

BRITES, Pedro Vinícius Pereira. **A crise na península coreana e a segurança regional do leste asiático.** 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Estudos Estratégicos - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Acesso disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103904>. Acesso em: 08 de Setembro de 2020.

CERISANO, Carlo Sersale Di. **Desarmamento e luta contra a proliferação nuclear: como tratar com Irã e Coreia do Norte?** Segurança Internacional: um diálogo Europa - América do Sul. 2º Conferência Forte Copacabana. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung. 2006. p.63-70.

China Data. The World Bank. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/china>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

CHUNG, Kyung-young. **Building a Peace Regime on the Korean Peninsula and the Future of UNC.** Korean Journal of Defense Analysis. Vol. 31 Issue 4. Dec 2019/Jan 2020. p. 477-500. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=2&sid=954776e1-d24c-4139-b5a1-099c25528614%40pdc-v-sessmgr05>. Acesso em: 9 de Setembro de 2020

COGHLAN, Colonel David. **Prospects From Korean Reunification.** Strategic Studies Institute. Abril 2018.

COLLINS, Robert. **Party-Military Relations in North Korea and the Security Situation on the Korean Peninsula.** International Journal of Korean Studies. Vol. 19, Issue 3. Fall/2015. P.69-101, pp. 33. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=a0c5018b-c947-4d91-9f98-e7fdaf3f2386%40pdc-v-sessmgr01>. Acesso em: 12 de Outubro de 2020.

Comparison of North Korea and South Korea. Global FirePower. Disponível em: <https://www.globalfirepower.com/countries-comparison-detail.php?country1=north-korea&country2=south-korea>. Acesso em 25 de maio de 2021.

Comparison of the United States and China. Global FirePower. Disponível em: <https://www.globalfirepower.com/countries-comparison-detail.php?country1=united-states-of-america&country2=china>. Acesso em: 26 de maio de 2021.

Democratic People's Republic of Korea. The World Bank. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/korea-dem-peoples-rep>. Acesso em 25 de maio de 2021.

FONTDEGLORIA, Xavier. **Coreias acordam realizar nova cúpula em Pyongyang em setembro.** El país. Agosto de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/13/internacional/1534142255_209418.html. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

GANNOUM, Nadim Mitri. **Teoria dos jogos e ganhos relativos:** condicionantes estratégicos de cooperação internacional. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-18102010-142923/publico/2010_NadimMitriGannoum.pdf. Acesso em: 26 de março de 2021.

HUTCHINSON, George. **International Collaboration Efforts to Denuclearize the Korean Peninsula.** International Journal of Korean Studies. 2018, Vol. 22 Issue 1, p 60-88. 29p.

KIM, Young Oh. **The Great Powers in Peaceful Korean Reunification.** International Journal on World Peace. Sep 2003. Vol. 20. Issue 3, p3-15. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=7&sid=f130066f-55eb-4eec-94e-a-59ebad8816e8%40pdc-v-sessmgr01>. Acesso em: 08 de Setembro de 2020.

LEE, Byeong Gu. **The Role of the Republic of Korea-U.S. Alliance in Peaceful Unification of Korea.** International Journal of Korean Studies. Vol. XIX. No. 2 Fall 2015. P. 47 - 68. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=1&sid=62b33fa9-905b-4f86-a707-59142a6ad300%40pdc-v-sessmgr06>. Acesso em: 08 de Setembro de 2020.

LEE, Eric Yong Joong. **The Complete Denuclearization of the Korean Peninsula:** Some Considerations under International Law. Chinese Journal of International Law. Vol. 9, Issue 4, dec 2010. p799-819, 21p, 3 Charts. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=6&sid=10eb27ab-c984-4874-a209-3a0706d39a2f%40sdc-v-sessmgr02>. Acesso em: 08 de Setembro de 2020.

LIM, Jonathan. **The North Korean Detente: Peace Prospects on the Korean Peninsula.** International Journal of Korean Studies. 2019. Vol. 23 Issue 1, p106-140. 35p.

MARZO, Marco A. **Não-proliferação e regimes de desarmamentos:** como lidar com o Irã e a Coreia do Norte? Segurança Internacional: um diálogo Europa - América do Sul. 2º Conferência Forte Copacabana. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung. 2006 p. 71-80.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. W. W. Norton & Company, Inc. Nova Iorque. 2001. p. 561.

MORGENTHAU, Hans J. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003. 1152 p. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/0179_politica_entre_as_nacoes.pdf. Acesso em: 05 de março de 2021.

Nuclear power plants. OECD. Disponível em: <https://data.oecd.org/energy/nuclear-power-plants.htm>. Acesso em: 26 de maio de 2021.

ONU. **Acordo de Armistício de 1953 entre Coreia do Sul e Coreia do Norte**. Panmunjom: Nações Unidas, 1953. Disponível em: https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/KP%2BKR_530727_AgreementConcerningMilitaryArmistice.pdf. Acessado em 30 abr. 2021.

PADINGER, Germán. **Veja as diferenças entre os arsenais bélicos da Coreia do Norte e Coreia do Sul**. CNN Brasil. Setembro de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/veja-as-diferencas-entre-os-arsenais-belicos-da-coreia-do-norte-e-coreia-do-sul/>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

PECEQUILO, Cristina S. **A ameaça que vem do norte: os EUA e a Coreia**. Revista Meridiano 47. N° 30/31. Jan/Fev 2003. pp.15-19, p.4.

POSTROL, Theodore; SCHILLER, Markus. **The North Korean Ballistic Missile Program**. Korea Observer. Vol. 47. No. 4. Winter 2016. P. 751-805. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=11&sid=f130066f-55eb-4eec-94ea-59ebad8816e8%40pdv-v-sessmgr01>. Acesso em: 09 de Setembro de 2020.

Republic of Korea. The World Bank. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/korea-rep>. Acesso em 25 de maio de 2021.

REZENDE, Lucas Pereira. **Teoria Realista Ofensiva de Cooperação em Defesa da Unipolaridade**. Contexto Internacional. Rio de Janeiro. Vol.36, n°2. Jul/Dez 2014. p.519-548, pp. 30. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292014000200519. Acesso em: 19 Nov. 2020.

Russian Federation. The World Bank. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/russian-federation>. Acesso em 25 de maio de 2021.

SHIN, Dongmin. **Exploration on the Elements of the Korean Peninsula Peace Regime: From the Perspective of “Order”**. Asian Journal of Peacebuilding. Coreia do Sul. Vol.8, n° 1, 2020.

TERRY, Sue Mi. **US Strategic Interests and Future Role in the Peaceful Unification of the Korean Peninsula**. International Journal of Korean Studies. 2014. Vol. 19 Issue 1, p100-120. pp. 21.

TUDOR, Daniel. **Korea, the impossible country**. Vermont: Tuttle Publishing. 2012.

United States. The World Bank. Disponível em <https://data.worldbank.org/country/united-states>> Acesso em 25 de maio de 2021.

VEJA. **Curiosidades e fatos marcantes da Olimpíada de Inverno de 2018**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/curiosidades-e-fatos-marcantes-da-olimpiada-de-inverno-2018/>. Acesso em: 07 de setembro de 2021.

VISENTINI, Paulo F. **Coreia do Norte: História e Percepção. Coreia do Sul: visões latino-americanas**. Juruá Editora. Coordenado por Henrique Altemani de Oliveira e Gilmar Masiero. 1º edição, 2º reimpressão Curitiba. 2012. p. 237 - 258. pp. 21.

World Nuclear Forces. SIPRI Yearbook 2019. Stockholm International Peace Research Institute. Disponível em: <https://www.sipri.org/yearbook/2019/06>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

YANG, Eunsook. **Is China Still A Viable Mediator To Solve The North Korean Nuclear Problem?** UNISCI Discussion Papers. N° 12. Out 2006. p.173 - 178, pp.6.

YONHAP NEWS AGENCY. **N. Korea issued navigational warning for East Sea in indication of missile launch preparations**. 2021a. Disponível em: <https://en.yna.co.kr/view/AEN20210819002251325?section=nk/nk>. Acesso em 19 agosto 2021.

YONHAP NEWS AGENCY. **N. Korea reports no coronavirus cases: WHO**. 2021b. Disponível em: <https://en.yna.co.kr/view/AEN20210818002900325?section=nk/nk>. Acesso em: 19 agosto 2021.

YONHAP NEWS AGENCY. **Unification minister urges N.K. to return to negotiating table within this year**. 2021c. Disponível em: <https://en.yna.co.kr/view/AEN20210818006300325?section=nk/nk>. Acesso em 19 de agosto de 2021.